



Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas

CRESCER NA CRECHE
PROJETO: ABRIR UMA CRECHE

Mafalda da Silva Marques Pedreño Ferreira Sàágua

Trabalho de Projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Administração Escolar

Orientador:
Prof. Doutor Luís Capucha, Professor Associado
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2019

CRESCER NA CRECHE
PROJETO: ABRIR UMA CRECHE

Mafalda da Silva Marques Pedreño Ferreira Sàágua

Trabalho de Projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Administração Escolar

Orientador:
Prof. Doutor Luís Capucha, Professor Associado
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2019

Agradecimentos

Para que pudesse realizar esta etapa na minha vida foram vários os que se mobilizaram ao longo destes dois anos para a tornar possível.

Assim, começo por agradecer ao Professor Luís Capucha o qual, desde o primeiro instante, se prestou a apoiar este projeto dedicado à 1^a infância, tão longe do seu campo de ação, o ensino universitário e (parecia) tão longe do mestrado em administração escolar. Sem as suas indicações tal não teria a mesma riqueza e, na corrida contra ao tempo, foi uma grande mais valia.

À minha família, pais, manos, cunhadas e primas, agradeço todo o apoio, paciência e incentivo para que avançasse e terminasse esta etapa a que me propus. Principalmente ao meu marido, que me incentivou incondicionalmente a dar este passo e aos meus filhos que ficaram com uma mãe em “stand by” durante muitos dias e noites ao longo deste tempo.

Aos meus amigos e colegas por todo o incentivo e aprendizagens ao longo do caminho.

A todos muito obrigada.

Resumo

Este projeto surge da vontade de aliar os conhecimentos adquiridos ao longo de dois anos de estudo no Mestrado de Administração Escolar e participar ativamente numa solicitação, feita pela Câmara Municipal de Lisboa à sociedade civil, de ajudar a resolver os problemas existentes na nossa cidade, neste caso dar resposta à educação para a primeira infância.

O presente projeto centra-se em três pontos cruciais: 1. a identificação do problema, falta de respostas educativas para a 1ª infância, e analisar a pertinência para a resolução do mesmo, analisando a evolução da educação de infância em Portugal ao longo do tempo, comparando-a e inserindo em projetos a nível Europeu, estudando o papel da mulher enquanto mãe e profissional, qual a resposta de creche existente em Portugal e a função que desempenha junto das famílias e das próprias crianças; 2. a elaboração de um projeto, desenhando as várias etapas a percorrer, para a abertura de uma Creche, baseado na metodologia de projeto e cruzando com as competências da Administração Escolar; 3. por último, a elaboração de um projeto educativo, centrado nas preocupações atuais, tempo para brincar, contacto com a natureza, promoção de uma vida mais saudável e sustentável, com altos padrões de qualidade, que dê resposta a uma instituição de Creche na área de Lisboa.

Palavras-chave: Projeto, Projeto Educativo, Primeira – Infância, Qualidade

Abstract

This project arises from the desire to combine the knowledge acquired over two years of study in the Master of School Administration and actively participate in a request made by the Lisbon City Council to civil society, to help solve the existing problems in our city, in this area, if it responds to early childhood education.

The present project focuses on three crucial points: 1. problem identification, lack of early childhood educational responses, and analyzing its relevance to its resolution by analyzing the evolution of early childhood education in Portugal over time, comparing and inserting in projects at European level, studying the role of women as mother and professional, what is the response of day care in Portugal and the role it plays with families and children themselves; 2. the elaboration of a project, drawing the various steps to go, for the opening of a daycare center, based on the project methodology and crossing with the competences of the School Administration; 3. Finally, the elaboration of an educational project, focused on current concerns, time to play, contact with nature, promotion of a healthier and more sustainable life, with high quality standards, that responds to a nursery institution in the area of Lisbon.

Key words: Project, Educational Project, Early Childhood, Quality

Índice

| | |
|---|-----|
| Agradecimentos..... | i |
| Resumo..... | ii |
| Abstract..... | iii |
| Índice de Quadros..... | v |
| Glossário de Siglas..... | vi |
| INTRODUÇÃO..... | 1 |
| CAPÍTULO I – PARA QUE SERVEM AS CRECHES?..... | 2 |
| CAPÍTULO II – DESENHO DO PROJETO..... | 14 |
| 2.1. Objetivo..... | 15 |
| 2.2 Primeira Etapa – Como, onde, para quem, por quem e com que meios..... | 16 |
| 2.2.1 Como..... | 16 |
| 2.2.2 Onde..... | 16 |
| 2.2.3 Para Quem..... | 16 |
| 2.2.4 Por Quem..... | 17 |
| 2.2.5 Com Que Meios..... | 18 |
| 2.3 Delinear o Plano de Ação..... | 20 |
| CAPÍTULO III - PROJETO EDUCATIVO..... | 25 |
| 3.1 Considerações para o desenho do PE..... | 25 |
| 3.2 Projeto Educativo..... | 29 |
| 3.2.1 Proposta Educativa..... | 29 |
| 3.2.2 Identidade..... | 29 |
| 3.2.3 Pilares Educativos..... | 29 |
| 3.2.4 Princípios Fundamentais..... | 30 |
| 3.2.5 Objetivos Gerais..... | 32 |
| 3.2.6 Missão, Visão e Valores..... | 32 |
| 3.2.7 Descrição da Comunidade Educativa..... | 33 |
| 3.2.8 Descrição Da Instituição..... | 33 |
| 3.2.9 Formação..... | 33 |
| 3.2.10 Avaliação..... | 34 |
| CAPÍTULO IV - MODELO DE AVALIAÇÃO..... | 35 |
| CAPÍTULO V – METODOLOGIA..... | 37 |
| CONCLUSÃO..... | 39 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 41 |

Índice de Quadros

| | |
|--|----|
| Quadro 1- Desenho do Projeto..... | 15 |
| Quadro 2 – Plano de Ação..... | 20 |
| Quadro 3 – Esquema de Plano de Ação..... | 22 |

Glossário de Siglas

APEI - Associação de Profissionais de Educação de Infância

CAF – Common Assessment Framework

CML – Camara Municipal de Lisboa

EE – Encarregados de Educação

EFQM – European Foundation for Quality Management

IPSS – Instituição Privada de Solidariedade Social

ISS – Instituto da Segurança Social

ME - Ministério da Educação

MEM – Movimento da Escola Moderna

MTSSS - Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PDI - Plano de Desenvolvimento Individual

PE – Projeto Educativo

RSES - Rede de Serviços e Equipamentos Sociais

SNIPI - Serviço Nacional de Intervenção Precoce na Infância

INTRODUÇÃO

O presente projeto visa a criação de uma creche com forte incidência na função educativa. No Capítulo I, far-se-á uma breve caracterização da evolução da educação de infância em Portugal, salientando a diferença entre o olhar dado à primeira infância (0-3 anos) e à idade de Pré-Escolar (3-6 anos). Seguir-se-á a análise da situação em Portugal e os esforços para atingir metas europeias de resposta social e educativa às famílias com crianças em fase de creche, concluindo-se com a identificação da necessidade da existência de mais instituições dirigidas à primeira infância, nomeadamente considerando a ótica das próprias crianças e a importância das aprendizagens iniciais desde cedo.

No Capítulo II, será enunciado o objetivo principal do projeto – Criar uma Creche. Para tal é imprescindível dar respostas objetivas às perguntas: Onde? Como? Para quem? Por quem? Será desenhado o projeto e delineado as ações necessárias para que se possa realizar o mesmo.

O Capítulo III, será dedicado à reflexão de que creche queremos? Com que objetivos? Qual a sua missão, visão e valores? Será apresentado neste capítulo um Projeto Educativo, onde se expressem as linhas orientadoras e fundamentais, com algumas lacunas pois desconhece-se ainda, o local onde será implementada esta instituição.

No Capítulo IV, será apresentado o modo como se realizará a monitorização do projeto e qual a forma que assumirá a avaliação do mesmo. Serão consideradas vertentes como a avaliação do Projeto Educativo, a avaliação de desempenho dos colaboradores, a avaliação das parcerias, “stakeholders” e a avaliação dos clientes (Pais/EE).

Por último, no Capítulo V, apresentar-se-á a metodologia utilizada neste projeto.

CAPÍTULO I – PARA QUE SERVEM AS CRECHES?

O Pré-escolar, valência que dá resposta às crianças dos 3 aos 6 anos, é considerado, como podemos ver na Lei-Quadro nº5/97, de 10 de fevereiro, a “primeira etapa da educação ao longo da vida”. Sabemos que é preditivo, ou pelo menos muito importante, da qualidade do percurso escolar da criança (Romám, Torrecilla, 2010). Gabriela Portugal (2008) afirma mesmo: “na infância lançam-se as bases do desenvolvimento nos seus diversos aspetos físicos, motores, sociais, emocionais, cognitivos, linguísticos, comunicacionais.” Porém, a mesma atenção e valorização, não é dada à valência de Creche (0-3 anos), tutelada pelo Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social (MTSSS) e não pelo Ministério da Educação (ME) como o é, o Pré-escolar.

Desde meados do séc. XX, vimos em Portugal as mulheres alterarem o seu comportamento face ao trabalho fora de casa. Anteriormente, a vida laboral era muito reduzida, quase mesmo inexistente, já que o trabalho na agricultura e pecuária das mulheres de famílias camponesas, a classe mais numerosa, era considerado trabalho de casa. As mulheres, de forma geral, dedicavam-se ao trabalho doméstico, nas suas casas ou terras, bem como ao cuidado e educação dos filhos. Inicialmente, com o intuito de participarem ativamente na economia familiar, mas mais tarde, por não quererem depender economicamente do marido ou da família, ou por desejarem realizar-se profissionalmente, começaram a trabalhar fora de casa. Na década de 60, regista-se uma entrada massiva das mulheres no trabalho industrial e nos serviços, maioritariamente para substituir a mão de obra masculina que emigrava ou partia para África, para combater na guerra colonial (Pimentel, 2010). Wall, Cunha e Atalaia (2013) sublinham numa análise por eles efetuada, as razões para o aumento da atividade profissional da mulher, além de se prenderem com as razões acima referidas, aumento da emigração masculina, a guerra colonial e a terciarização do tecido económico, deveu-se também, à evolução dos níveis de escolaridade feminina, as políticas desenvolvidas para a igualdade de género e de apoio à conciliação entre trabalho e família. Também Torres (1999) refere a mudanças sociais das mulheres face à vida profissional, ao casamento e à família. Passando estas, a querer ter uma vida profissional ativa, fora do quadro doméstico. Atualmente, a esmagadora maioria das mulheres pretende desenvolver a sua formação académica e seguir uma carreira profissional. Estas alterações da condição social da mulher, originaram algumas mudanças na vida familiar e na prestação de cuidados às crianças, vendo-se obrigadas a entregar os cuidados e educação dos seus filhos a terceiros, papel essencialmente desempenhado por elas até meados do século passado. Primeiramente a outros familiares e vizinhos, numa segunda fase a amas e instituições

que foram surgindo com o objetivo de dar resposta a esta necessidade, normalmente instituições ligadas à igreja com um carácter essencialmente de beneficência e de prestação de cuidados. Só no início do séc. XX, surgem as primeiras instituições mais organizadas, com um carácter educativo além do assistencialista. Curiosamente, a educação Pré-escolar, logo após a implantação da República, em 1910, adquire um estatuto específico no sistema oficial de ensino, ao ser criado, por iniciativa do Partido Republicano Português, o ensino infantil para crianças de ambos os sexos entre os quatro e os sete anos de idade. Em 1911, é criada a rede de Jardins-Escolas João de Deus, com um modelo pedagógico próprio.

Ao longo dos tempos, acompanhando as diferentes fases que o país atravessou com características sociais, económicas e políticas específicas de cada época, a área da educação de infância teve avanços e retrocessos na maneira como foi olhada. Numas alturas foi valorizada, noutras esquecida. Acaba mesmo sendo posta de lado para, com os custos que lhe eram atribuídos, se poder dar resposta ao ensino primário.

Em 1983, encontramos o primeiro Decreto-Regulamentar sobre a Creche, não no âmbito do Ministério da Educação, mas sim no Ministério dos Assuntos Sociais. O Decreto-Regulamentar n.º69/83, de 16 de julho, vem regulamentar o Decreto-Lei n.º 350/81, de 23 de dezembro, reforçando o objetivo de dar condições adequadas que promovam o bom desenvolvimento da criança dos 3 meses aos 3 anos, não se focando apenas na preocupação assistencialista de garantir a assistência à família durante o dia. No Despacho Normativo n.º131/84, de 25 de julho, os objetivos surgem de forma mais específica ao referir que se “deve proporcionar às crianças oportunidades que facilitem o seu desenvolvimento físico-emocional, intelectual e social, através de apoios adequados, individuais ou em grupo, adaptados à expressão das suas necessidades”.

Com a Reforma Educativa de 1986, a educação Pré-escolar é integrada no sistema educativo, sendo-lhe dada uma verdadeira importância educativa, pedagógica, mas também de guarda das crianças dos três aos seis anos. No entanto, sem grande expressão ao nível da oferta pública, sendo o setor privado a dar a maior resposta.

Verificamos, mais uma vez, que a Primeira Infância (0-3 anos) não é abrangida. Mantém-se uma perspetiva assistencialista, a de garantir às famílias que os seus bebés estão a receber cuidados enquanto os pais se ausentam para trabalhar, remetendo esta valência para o Ministério dos Assuntos Sociais (atualmente o Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social) o qual, articulando com as Instituições de Solidariedade Social, Misericórdias e instituições privadas, vão dando resposta, muito limitada, às necessidades sentidas pelas famílias portuguesas em relação a esta preocupação. A legislação existente realça

a dominância desta concepção assistencialista, reforçando a resposta às necessidades de apoio social da família. No entanto, apesar da ausência de objetivos claros do ponto de vista da ação a desenvolver quer com as crianças quer com as próprias famílias, vai referindo a importância do desenvolvimento das mesmas (Vasconcelos, T. 2000).

Entre outros documentos legislativos em relação à Creche, merece destaque o Despacho Normativo n.º 99/89, de 27 de outubro, no qual foram aprovadas normas reguladoras das condições de instalação e funcionamento das creches com fins lucrativos, bem como foram estabelecidos objetivos específicos das creches: 1. Proporcionar o atendimento individualizado da criança num clima de segurança afetiva e física que contribua para o seu desenvolvimento global; 2. Colaborar estreitamente com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo de cada criança; 3. Colaborar no despiste precoce de qualquer inadaptação ou deficiência, encaminhando adequadamente as situações detetadas. Podemos observar que mais uma vez se dá à Creche a importância de educar e valorizar o desenvolvimento integral da criança associado à prestação de cuidados.

Em 1997, é publicada, em fevereiro, a Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, a qual regulamenta a Educação Pré-Escolar e onde vemos de forma clara a distinção entre a vertente da componente pedagógica e a de apoio às famílias, isto é, de cuidados infantis e guarda das crianças dos 3 aos 6 anos. A par desta lei, surgem as primeiras Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar, um documento extremamente importante que vem orientar o trabalho a desenvolver, nas diferentes áreas de desenvolvimento da criança, pelos profissionais da educação de infância - os educadores de infância. Este documento foi revisto recentemente (em 2016), sendo reorganizado o sistema, reforçando a importância do ensino Pré-escolar e sublinhando a extrema necessidade de se passar a considerar “a primeira etapa de educação básica, no processo de educação ao longo da vida”, a das crianças em idade de creche e não do Pré-escolar, como é referido aquando da publicação da lei-quadro e das primeiras orientações curriculares, ou, mais gravoso, a partir dos 6 anos, com a entrada para o ensino básico.

“Educar não é uma atividade que comece aos seis anos e hoje só faz sentido planear o ensino básico quando este é construído sobre um trabalho integrado que tem em conta todo o período dos zero aos seis anos de idade, abarcando não só o período da Educação Pré-Escolar, mas todo o tempo desde o nascimento até ao início da escolaridade. Este período é crítico para o desenvolvimento de aprendizagens fundamentais, bem como para o desenvolvimento de atitudes e valores estruturantes para aprendizagens futuras. Por este motivo, encaramos a educação como um contínuo, do nascimento à idade adulta e, conseqüentemente, é crucial

alinhar este documento com os períodos anteriores, no que diz respeito a orientações e práticas pedagógicas na creche (...)” (Orientações Curriculares, 2016: 4)

Em 2003, num documento elaborado por um grupo de trabalho organizado pelo MTSS, o Modelo de Avaliação da Qualidade, encontramos delineados vários aspetos que visam o integral desenvolvimento da criança dos 0 aos 3 anos, num trabalho a desenvolver pelos educadores em parceria com as famílias. O objetivo deste documento é o de *“garantir aos cidadãos o acesso a serviços sociais de qualidade, adequados à satisfação das necessidades, de forma corresponsável, por via dos acordos de cooperação celebrados entre os serviços de segurança social e as instituições particulares de solidariedade social”* (Modelo de Avaliação de Qualidade, 2003: 5).

Assim, verificamos que tem sido realizado, embora que lentamente, um caminho para a valorização do trabalho realizado por profissionais em creche, fomentando um trabalho pedagógico planeado e refletido, com o objetivo de proporcionar tempos e espaços adequados para o bom desenvolvimento/crescimento das crianças nas suas diferentes áreas de desenvolvimento. A existência de um Projeto Educativo, de Projetos Pedagógicos de Sala, de Planos de Desenvolvimentos Individuais para cada criança e a existência de um educador por sala, tudo nos faz querer que só por mera questão administrativa e financeira, as Creches ainda não fazem parte do Sistema Educativo Português.

No seminário sobre a Educação dos 0 aos 3 anos, realizado no Conselho de Educação, a 18 de novembro de 2010, Lúcia Santos, representante da Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI), refere 3 aspetos relevantes que demonstram bem a diferença existente entre Creche e Pré-escolar: 1. a importância dada pelo Estado a cada uma destas valências, 2. a formação de base dos profissionais de educação e 3. a não existência de Orientações Curriculares para esta faixa etária. O investimento por parte do Estado realizado em cada uma destas valências é bastante diferente. A rede do Pré-escolar é financiada por dinheiros públicos, consignados em Orçamento de Estado através do ME, oferecendo a possibilidade de gratuidade na sua frequência, havendo, claro, a hipótese de optar por Instituições Privadas ou de Solidariedade Social. Já em relação à rede de Creche, esta é maioritariamente financiada através de particulares, associações, muitas vezes de solidariedade social (IPSS) e Misericórdias, sendo a participação do Estado em função das necessidades de cada família, realizada através de uma comparticipação por cada aluno, no caso das IPSS ou Misericórdias, pois em relação às instituições particulares serão estas a suportar o investimento e as famílias a pagarem o serviço na totalidade. No que diz respeito à formação inicial, observamos uma diferença clara. A formação inicial de educadores incide mais nos 3-6 anos e

no 1ºCiclo e menos nos 0-3 anos. Realidade sentida também na experiência vivida na prática profissional, ao serem contabilizados os anos de serviço aos educadores de Pré-escolar, não sendo o mesmo feito para os educadores de Creche, realidade ainda verificada ao dia de hoje. Retomando a questão da formação inicial, nos últimos anos houve uma evolução neste sentido, surgindo inclusive o Mestrado para Educação dos 0-3 anos, alinhado com o caminho percorrido em várias áreas (medicina, investigação, educação...) com o objetivo de validar e sublinhar a verdadeira importância da primeira infância na vida das crianças. Não é por acaso que em todas as áreas se sublinha a importância desta etapa da vida, ao nível de construção de identidade, afetiva e emocional, do crescimento físico, cognitivo etc. Outra enorme diferença, é a existência de Orientações Curriculares e Perfil Profissional para o Pré-escolar e o facto, de ainda não existirem referências equivalentes para a Creche, embora se veja serem dados passos com a elaboração de um manual de normas reguladoras e orientadoras para os espaços físicos e equipamentos, bem como os processos-chaves num Sistema de Gestão e Qualidade na Creche, desenhados pela Segurança Social.

Numa análise ao trabalho desenvolvido e à investigação realizada nos últimos anos, essencialmente na primeira década deste novo século, observamos um enorme investimento realizado por muitos profissionais nesta área, como investigadores, especialmente na área das neurociências, professores, educadores, psicólogos e até mesmo o Estado, de forma a esta realidade poder sofrer alterações e dar uma melhor resposta a este problema. Vemos que têm sido dados passos fundamentais, embora insuficientes ainda. Na última década, temos assistido a uma mudança na forma de olhar este problema. Veja-se a declaração de Idália Moniz, Secretária de Estado Adjunta e da Reabilitação, aquando do Seminário “A Educação das crianças dos 0-3anos”, em 2010: *“A Creche deverá assumir-se, cada vez mais, como promotora do desenvolvimento do conhecimento e das competências das crianças, proporcionando experiências e atividades realizadas com um propósito, com um objetivo e com uma intencionalidade educativa, sempre tendo em conta a individualidade e a fase de desenvolvimento de cada criança”*.

Segundo a Carta Social, documento que se consubstancia num *“estudo de análise da dinâmica da RSES (Rede de Serviços e Equipamentos Sociais) pretendendo dar a conhecer as respostas sociais, no âmbito da ação social, tuteladas pelo MSSS, em funcionamento no Continente, a sua caracterização, localização territorial, equipamentos e entidades de suporte. A Carta Social tal como tem vindo a ser concebida, construída e atualizada, pretende ser simultaneamente um instrumento multiusos de extrema flexibilidade nos domínios da informação social, de suporte no apoio à tomada de decisão aos diversos níveis, de apoio à*

cooperação institucional e, em particular, de informação ao cidadão”, o MTSSS aumentou, entre 2000 e 2016, em 108% a sua capacidade para as crianças em Creche. No entanto, muitas são as que continuam a ficar sem resposta. Em Lisboa surge o programa B-à-Bá, lançado pela Camara Municipal, em 2012, de modo a dar uma maior resposta às necessidades que seriam sentidas efetivamente a partir de 2015. Com o aumento da taxa de natalidade, este esforço mantém-se insuficiente, provocando um ligeiro abrandamento na resposta dada às famílias, deixando muitas crianças sem possibilidade de frequentar a Creche ou mesmo o Pré-escolar. Observando os dados de 2017, verificamos que as grandes metrópoles, Lisboa e Porto, continuam sem dar resposta a toda as crianças, apesar de terem aumentado significativamente os lugares em Creche. Portugal, em 2017, atinge o número total de lugares em Creche de 118.500, 62 % dos quais comparticipados pelo Estado através de acordos de cooperação com entidades da rede solidária. O número de crianças que frequentam a resposta em Creche tem revelado, igualmente, um aumento expressivo, atingindo em 2017 quase as 100.000 crianças. A assimetria na distribuição da população no território nacional face à oferta de Creches, é geradora da não correspondência entre a procura e a oferta em algumas regiões do país, em particular de Lisboa e Porto, onde a taxa de cobertura das respostas sociais para a 1ª infância se encontra entre os 33,1% e os 49,1% respetivamente. O maior registo de taxa de cobertura face às necessidades, verifica-se nos distritos da Guarda, Castelo Branco e Portalegre, que chega a ser superior a 70%.

Estamos a assistir, uma vez mais, à mobilização da autarquia de Lisboa para encontrar formas de equipar a cidade com a capacidade de abranger mais crianças, abrindo novos concursos para que os cidadãos e associações se mobilizem para dar resposta a esta enorme necessidade.

Este caminho percorrido em Portugal, não só em Lisboa, está alinhado com a Europa, que se depara com o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, logo impulsionando a procura de instituições educativas que recebam os seus filhos durante esse período de tempo.

Assistimos, em 2002, aquando do Conselho Europeu de Barcelona, ao reconhecimento da necessidade de se dar resposta efetiva às crianças dos 0 aos 3 anos, bem como dos 3 anos até à entrada na escolaridade obrigatória. Neste Conselho, foram estabelecidas metas facilitadoras do acesso a estruturas de acolhimento (designação utilizada para creches, jardins de infância, isto é, instituições que dessem resposta a crianças dos 0-3 anos, dos 3 anos à idade de entrada na escolaridade obrigatória, ou ambos) de qualidade e a preços acessíveis. Até 2010, os Estados Membros, tinham como objetivo criar condições de acesso a 90% das crianças em

idade Pré-escolar e a 33% das crianças dos 0 aos 3 anos. No relatório de 2013, a Comissão Europeia concluiu que nenhuma destas metas foi alcançada, embora se tenham verificado avanços significativos em alguns dos Estados Membros: na Bélgica, Dinamarca, França, Suécia, Eslovénia e Reino Unido foram atingidas as metas para ambas as faixas etárias; na Alemanha, Itália e Estónia atingiram-se as metas dos 3 aos 6 anos, e no Luxemburgo, Países Baixos, Espanha e Portugal, foi conseguida a meta dos 0 aos 3 anos. Podemos ler neste mesmo Relatório da Comissão Europeia, sobre o desenvolvimento de estruturas de acolhimento de crianças da primeira infância, como é considerado fundamental a existência de *“estruturas de acolhimento de crianças disponíveis a tempo inteiro e que estas satisfaçam as exigências do trabalho durante as horas laborais dos pais e nos períodos de férias escolares. Além disso, os serviços só constituem realmente uma opção viável se as trabalhadoras conseguirem pagá-los e estiverem suficientemente convictas da sua elevada qualidade.”*

As metas de Barcelona, e os objetivos nelas traçados, foram reafirmados no Pacto Europeu para a Igualdade entre Homens e Mulheres (2011-2020) e referidos na Estratégia Europa 2020. A Europa olha para os serviços de acolhimento de crianças, *“a preços comportáveis e de alta qualidade”*, não só como conciliação da vida profissional e familiar, favorecendo a participação das mulheres no mercado de trabalho e como promotor da igualdade entre homens e mulheres, mas também como contributo fundamental para a integração socioeconómica das crianças e para o desenvolvimento das suas competências desde cedo.

A importância da ação educativa extrafamiliar, apoio fundamental à família, encontra a sua justificação na psicologia, psicologia do desenvolvimento (Young, 2002, Portugal, 2010, Folque, 2012) e também na sociologia. Basta recordar como Bourdieu (1986) assinala que é precisamente até aos 3 anos que se estruturam as disposições (estruturas estruturadas pelas condições económicas, culturais e sociais de origem, que conferem lógica às práticas que as reproduzem) que afetarão de forma determinante o *“equipamento cultural”*, o qual em boa parte, determina as possibilidades do sucesso escolar.

“Aprendizagem total, precoce e invisível, efetuada desde a 1ª infância no seio da família e prolongada pela aprendizagem escolar que pressupõe e completa, distingue-se da aprendizagem tardia, metódica e acelerada (Bourdieu, 2007).”

As neurociências defendem que nos primeiros anos de vida, o cérebro é 2,5 vezes mais ativo do que o cérebro dos adultos (Shore, 1997). Altura ótima, denominada muitas vezes como *“janela temporal de oportunidade”*, para que a criança consiga realizar tantas aprendizagens. É mesmo nesta fase que crianças com algumas lacunas a nível do desenvolvimento, devem ser estimuladas para adquirirem determinadas competências que já deveriam ter efetuado (andar,

falar, raciocínios lógicos, autonomia em algumas tarefas). Já Young (2002) defende que a primeira infância, é a idade por excelência, refere mesmo como vital, na qual se devem fortalecer e aumentar as capacidades, pois são as competências aprendidas e interiorizadas nestes anos, que vão permitir, no futuro, o desenvolvimento de outras competências, talentos e aptidões. Neste sentido, a educação extrafamiliar, realizada por profissionais de educação, tem uma responsabilidade acrescida versus as famílias, principalmente versus famílias com pouca informação ou de baixos recursos, pois espera-se deles uma educação segura e emocionalmente forte, rica, diversificada, estimulante, capaz de criar as condições ótimas para as crianças serem capazes de aprender a aprender. Desta forma, teremos crianças mais capazes para enfrentar os processos de aprendizagem e, os desafios dos ciclos de ensino seguintes, em comparação com as crianças que não estiveram em contexto de escola, Creche ou Pré-escolar (Ramey e Ramey 1999, Unesco 2007). Deseja-se que esta educação, seja de qualidade para se torne efetivamente uma mais valia. Vários tem sido os estudos realizados, a nível internacional (Preprimary Project da International Association for the Evaluation of Educational Achievement (1986) Research on the Effects of Early Childhood Education and Care on Child, The International Childhood Care and Education I.C.C.E 1992/1998) no quais Portugal participou, para justificar a importância da qualidade em educação de infância. Em Portugal, uma equipa coordenada por Joaquim Bairrão, entre 1992 e 2007, realizou e participou em diversos estudos (acima referidos) nos quais observaram e analisaram diferentes contextos de educação pré-escolar. Estes permitiram estabelecer uma relação entre as características observadas em contexto de jardim de infância e o desenvolvimento das crianças. Defendem que um contexto educativo de qualidade é o que vai ter impacto no desenvolvimento da criança. Neste ponto, a análise torna-se mais vasta, questionando toda a oferta existente, como se realiza, por que tipo de profissionais e qual a sua formação, que apoios são dados às famílias, que equipamentos e contextos educativos são disponibilizados às crianças, que tipo de cuidados são fornecidos e de que forma, quais as experiências e atividades planeadas e como são realizados esses planeamentos? Para dar resposta a estas questões, encontramos vários profissionais ligados à educação que refletem, investigam e desenvolvem estudos para proporem medidas concretas, de forma a melhorar a qualidade da educação de infância em Portugal, como é o exemplo já referido de Bairrão (1992 a 2007), Teresa Vasconcelos e Lilian Katz (1998), Júlia Oliveira – Formosinho (2009), entre tantos outros. Medidas essas, indicam estes investigadores, que passam pela melhoria da formação inicial de educadores, por um maior apoio do Estado à educação de infância permitindo a inclusão da 1ª infância na tutela da educação e na construção

de orientações curriculares para esta fase, assim como, o ajustamento do acompanhamento dos pais aos filhos pequenos.

Pretende-se, ao entrar para a Creche, além de serem fornecidos os cuidados de bem estar e de saúde, como a alimentação, o cuidado com o sono e a higiene, de modo a que as crianças se tornem saudáveis fisicamente, se tenha em conta todo o desenvolvimento emocional, social e cognitivo. A organização do espaço e a qualidade da prestação destes serviços são de extrema importância para o desenvolvimento da criança. (Bairrão, 1998, Portugal, 2010). Se para a idade Pré-escolar todas estas competências e considerações se encontram enunciadas e estruturadas em áreas e domínios de modo a que os profissionais de educação possam orientar, planear e avaliar a sua prática, tendo em vista o melhor e maior desenvolvimento da criança (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 2016) o mesmo não podemos encontrar para a Creche (como referido anteriormente). No entanto, devemos “importá-las e adaptá-las” para a idade de creche, ajudando desta forma os educadores a terem um referencial no seu trabalho, aumentando assim a qualidade dos serviços prestados. Encontramos nas OCEPE sublinhada a ideia, da infância dever ser vista como um todo e não separada em dois, Primeira Infância e Pré-escolar. Sublinha também, a ideia de utilizar estas orientações curriculares para potenciar o trabalho a desenvolver na área de desenvolvimento pessoal e social, conhecimento do mundo e expressões ao nível inicial em que se encontram os bebés, privilegiando sempre a área pessoal e afetiva e toda a exploração sensorial, tão típica nesta fase. É fundamental ter em consideração que antes de qualquer aprendizagem formal, estes bebés precisam de estímulos para desenvolver a sua autonomia emocional, isto é, que criem vínculos afetivos fortes com os adultos de forma a se sentirem emocionalmente seguros para aderir a novas propostas de exploração, brincadeiras e descobertas de si, do outro e do mundo que os rodeia. È de salientar também o desenvolvimento motor/físico, fomentando a exploração do espaço e do corpo (Brazelton, 2001, Portugal 2010). Tendo estas áreas sido desenvolvidas e sendo fomentada a vontade de experimentar, descobrir e conhecer tudo o que o rodeia, o bebé, agora a criança de 3 anos, poderá seguir para o Pré-escolar e continuar a desenvolver as suas competências de forma cada vez mais autónoma, já dotado de uma maior perceção de si enquanto individuo, da sociedade que o rodeia , enquadrado pelo meio (pelos outros difusos). O conhecimento de si próprio, o respeito pelo outro, o desenvolvimento de atitudes e valores, de competências ao nível da linguagem, da matemática e das expressões são aprendizagens essenciais, tidas como iniciais, fundamentais para a vida futura, quer nos ciclos de ensino que se seguem, quer mesmo para a vida adulta (Gesell, 1998; Portugal, 2008; Bilton, Bento & Dias, 2017).

Em maio de 2018, a Comissão de Recomendação do Conselho sobre os sistemas de educação e acolhimento na primeira infância de elevada qualidade, tem como objetivo primeiro *“incentivar e apoiar os esforços dos Estados-Membros para melhorar o acesso e a qualidade dos seus sistemas de educação e acolhimento na primeira infância. A proposta parte da constatação de que os primeiros anos de vida de uma pessoa são os mais formativos para o desenvolvimento de competências de base e capacidades de aprendizagem que podem influenciar fortemente as perspetivas de educação e emprego futuras, bem como a realização pessoal e a satisfação com a vida em geral.”*

Olhando a realidade à nossa volta, observamos que o dia a dia nas cidades tem-se alterado significativamente ao longo dos tempos. Temos uma cidade cada vez mais urbanizada, com um aumento significativo da densidade e diversidade populacional, um aumento de tráfego brutal, diminuição dos espaços verdes, aumento da tecnologia e dos canais de informação, uma vida profissional cada vez mais prolongada (aumento da idade da reforma), horários laborais não conciliáveis com a vida familiar e que obrigam a organizações familiares cada vez mais mecanizadas no seu dia a dia, deixando tempos livres e de lazer, apenas para os fins de semana. Toda esta realidade influencia os novos pais e a relação que estes têm com os espaços ao ar livre, com a própria brincadeira ao ar livre, que proporcionam ou permitem aos seus filhos, a permissão ou não para estes se deslocarem livremente no percurso escola-casa. Vemos aumentados os seus receios de acidentes e possíveis perigos, a que esta exposição pode levar. Muitas das instituições não têm em conta este fator, proporcionando essencialmente experiências e vivências pedagógicas em contextos formais e interiores, sem grandes estímulos ou desafios, tendo espaços exteriores estereotipados, com pouco estímulo para o desenvolvimento da criança e do brincar (Portugal, 2011; Bilton, Bento & Dias, 2017; Neto, 2001). Desta forma, as crianças passam cada vez mais tempo entre casa-carro-escola. Mesmo quando há a possibilidade de realizarem atividades extracurriculares, situação muito procurada por uma franja de pais que tentam ocupar os seus filhos proporcionando momentos e atividades diferentes das realizadas ao longo do dia nas escolas. No entanto, estas acabam por ser extensões do que as crianças vivem durante o dia, atividades muito orientadas, estruturadas, com pouca margem para se moverem livremente, criarem novas situações e experiências. É urgente mudar este paradigma.

Observamos atualmente, uma vontade de mudança de comportamentos ao vermos ações no sentido de dotar a cidade de mais espaços verdes e reabilitar os já existentes, os muitos projetos em curso para fomentar o exercício ao ar livre (veja-se a quantidade de aparelhos colocados em jardins e espaços verdes, ruas e avenidas com o trânsito condicionado ao fim de

semana) e o incentivo à mobilidade dos cidadãos sem ser através de viatura própria, com a construção de ciclovias, trotinetes e bicicletas de utilização pública, implementação de passes gratuitos para crianças até aos 12 anos, e o passe navegante família, fomentando assim a utilização dos transportes públicos em detrimento do transporte individual. No entanto, a nível das escolas, públicas e privadas, vemos ainda muito por fazer. Os espaços exteriores das escolas no centro da cidade estão organizados como há décadas atrás. Sem serem pensados ou estruturados numa vertente pedagógica que desafie a criança a correr riscos, aprendendo a calculá-los, a criar novas brincadeiras, a proporcionar novas descobertas e experiências com o meio e os pares, sem fomentar o contacto com a natureza, pois o chão é de alcatrão, cimento ou de placas de borracha para não se magoarem. A existência de árvores é quase nula, e mesmo que existam, as crianças não podem mexer nem trepar, nem brincar com a pouca terra que existe ao seu redor. Se esta realidade está presente na larga maioria das Escolas, desde o Pré-escolar até ao Secundário, e há entraves para que sejam realizadas alterações, imagine-se na Creche, onde os receios dos pais, e até mesmo de muitos profissionais, são ainda maiores, não só em relação ao espaço físico e aos perigos que uma criança pequena pode enfrentar, mas também em relação às condições atmosféricas que podem causar doenças.

Estando atentos a investigações e programas que vêm sendo divulgados e transmitidos, essencialmente na última década em Portugal, não só no meio académico (Alarcão, 2008, Bento, 2017) mas também junto da sociedade civil (tão ativos, através de reportagens e artigos que chegam ao grande público, onde tem sido uma presença constante o pediatra Eduardo Sá e o Professor Carlos Neto na defesa pela brincadeira e a atividade ao ar livre), apercebemo-nos como a questão do brincar ao ar livre e o acesso a esses espaços, é uma preocupação cada vez mais presente no nosso dia a dia, relacionado também com a saúde física e mental das crianças, (veja-se a preocupação com o sedentarismo, obesidade e diabetes nas crianças) e com a promoção de uma vida mais sustentável. Desta forma, vai surgindo espaço e alguma vontade para se realizarem algumas mudanças. Importa pensar na organização do espaço exterior, de forma a proporcionar às crianças, desde pequenas, experiências positivas com a natureza (Bilton, Bento & Dias, 2017). Importa que possam colocar o pé descalço na relva ou na areia, ouçam os pássaros, o vento nos ramos ou até mesmo distinguir o avião que passa. Estão desta forma, a conhecer o meio à sua volta. À medida que crescem podem criar brincadeiras em conjunto ou com os adultos, sabendo testar os limites, ganhar confiança e autoestima com novas conquistas como conseguir equilibrar-se num solo não tão linear, fazer rebolar um tronco, subir a uma árvore, e aqui vemos testadas competências de sociabilização e físicas. A observação do meio e os seus animais, tentar perceber as suas características é possibilitadora de novas

experiências e descobertas, as quais estimulam a curiosidade abrindo portas para o conhecimento. Este, pode ser articulado com conhecimentos mais formais como a língua e a matemática e até mesmo com a ciência e a história à medida que as crianças se vão desenvolvendo e estando mais despertas para este tipo de aprendizagens. Tudo isto é possível e desejável que seja vivido desde cedo, fazendo assim sentido que se inicie na Creche, momento em que as crianças despertam para o mundo à sua volta respondendo a estímulos e situações de descoberta mais ou menos organizadas e estruturadas, pensadas por adultos competentes para potenciarem todo este tipo de situações, facilitando e possibilitando a construção de conhecimento que cada um vai realizando.

Neste contexto, parece-me pertinente a vontade de criar uma instituição que dê resposta a esta necessidade, sentida pela população em geral, isto é, grupos sociais de todos os estratos socioeconómicos, principalmente em Lisboa onde a procura continua a superar em muito a oferta. Basta lembrar que apenas cerca de 40% das crianças encontra instituições para frequentar. Sabemos que nos dias de hoje, a grande maioria das mulheres trabalha fora de casa e precisa de entregar os cuidados e a educação dos seus filhos a terceiros, o acesso a equipamentos sociais é fulcral para o bem-estar das famílias, a conciliação do trabalho com a vida familiar e ainda, o crescimento saudável e a educação das crianças. Com o aumento da escolarização, formação e informação, a esmagadora maioria dos pais não quer entregar os seus filhos a quaisquer cuidadores, mas sim a profissionais especializados que articulem a vertente de assistência e cuidados das necessidades básicas dos filhos com a intencionalidade pedagógica e educativa. Assim sendo, e por Lisboa ser um Concelho bastante extenso, pretendo entregar este projeto na CML, aderindo ao programa de alargamento da rede que está a ser desenhado, tal como em 2012, e implementá-lo onde for mais premente dar resposta a esta necessidade.

Tendo enunciado a premissa principal – falta de Creches para as crianças da Grande Lisboa – e tendo mobilizado as referências teóricas sobre as mudanças que uma creche produz, o presente projeto foca-se então, no modelo a que a creche obedece.

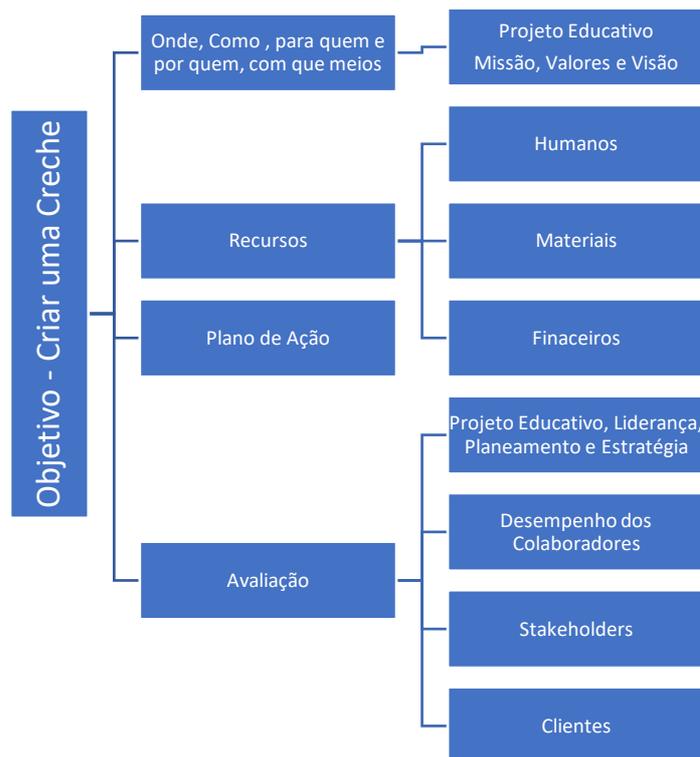
Para a Creche poder funcionar de uma forma eficiente, ter-se-á de desenhar um Projeto Educativo (PE). Este surge como uma mudança intermédia, na medida em que dá uma resposta essencial para que a primeira premissa, a mudança principal, possa acontecer. Também anteriormente, foram apresentados factos que serão utilizados para definir a missão neste PE, de forma a que ele seja um instrumento de transformação de comportamentos e maneiras de estar no mundo, educando para uma vida mais sustentável em sintonia com a natureza. Nos capítulos seguintes, poderemos ter a visão de como esta mudança deverá ocorrer.

Por acreditar que esta fase é, efetivamente, um período na vida da criança de suma importância, onde podemos lançar os alicerces para o sucesso do seu desenvolvimento e vida futura, proponho-me desenhar este projeto que dá resposta à educação das crianças desde que deixam o colo dos pais, fim das licenças de parentalidade (recentemente aumentadas em tempo e possibilidade de acompanhamento por parte de um dos pais) numa política defensora da família, numa continuidade da sua proteção, na prestação de cuidados das necessidades básicas mas também do desenvolvimento global, emocional, social, físico, cognitivo e espiritual. Não há uma dúvida que a vertente assistencialista, da qual a creche não se dissocia, não pode estar separada da vertente educativa. A prestação de cuidados e a educação têm de andar de mãos dadas desde a entrada da criança na Creche, claramente a primeira etapa da educação de uma criança.

CAPÍTULO II – DESENHO DO PROJETO

Tendo presente a Teoria da Mudança, será altura de construir um caminho, listar os passos a dar, ou seja, enunciar as mudanças a produzir, encadeá-las e agrupá-las caso seja necessário. Apesar de já referido anteriormente e estar implícito no próprio tema do projeto, parece-me fundamental esta explicitação. Importa agora debruçarmo-nos objetivamente sobre a intencionalidade do projeto, e planear as suas etapas. para quem é dirigido, onde, como e por quem.

“Planear consiste em projetar uma mudança, antecipar conceptualmente uma realidade desejável, prever as etapas necessárias de transformação dessa realidade e os caminhos a percorrer pelos agentes, identificar os fatores que afetam o processo e os modos como se pode intervir sobre eles, escolher as ações correspondentes e mobilizar os meios necessários para que a mudança desejada ocorra de facto no sentido projetado.” (Capucha, 2008:13)



Quadro 1- Desenho do Projeto

2.1. Objetivo

O projeto “Crescer na Creche” tem como objetivo principal, criar uma nova instituição educativa para crianças dos 0 aos 3 anos na área de Lisboa - Creche -. Para tal, será necessário desenhar um projeto educativo. Projeto Educativo (PE) esse que potencie o desenvolvimento da criança através da efetiva brincadeira ao ar livre, em pleno contacto com a natureza e o respetivo conhecimento, no meio da cidade, desde a idade de Creche, acreditando que se cada criança for educada para a autonomia responsável desde sempre, alinhada com os valores de vivência e respeito/cuidado com o meio envolvente (pessoas, natureza e animais) adotando comportamentos de respeito mutuo e hábitos de vida saudáveis e sustentáveis, mais facilmente, vai adotar estes comportamentos e os replica à medida que vai crescendo, ao longo da sua vida. Se a organização do dia a dia na Creche e no Pré-escolar, bem como as suas orientações curriculares, são altamente facilitadoras para a adoção deste tipo de comportamentos, pois orientam o trabalho numa visão holística da criança e organizam as aprendizagens de forma transversal, é importante que estes estejam de tal forma enraizados que, ao passar para os ciclos futuros, se mantenham e estejam tão intrínsecos que tenham sido apropriados e transformados

em valores e formas de vida. Pretende-se um PE diferenciador dos muitos já existentes. Mas antes de o redigir é fundamental responder às perguntas: *Onde? Como? Para Quem? Por Quem? Com que meios?*

“A Creche deverá assumir-se, cada vez mais, como promotora do desenvolvimento, do conhecimento e das competências das crianças, proporcionando experiências e atividades realizadas com um propósito, com um objetivo e com intencionalidade educativa, sempre tendo em conta a individualidade e a fase de desenvolvimento de cada criança.” (Moniz, CNE, 2010:19).

2.2 Primeira Etapa – Como, onde, para quem, por quem e com que meios

2.2.1 Como

Através da elaboração do PE – primeiro passo - pretendo candidatar-me à adjudicação de um Equipamento Creche - segundo passo, num espaço físico já existente, desenhado e construído pela CML. A criação de uma equipa de gestão – terceiro passo, a elaboração de um plano de negócios, Business Plan – quarto passo e, por fim, a constituição de uma equipa educativa – quinto passo.

2.2.2 Onde

Na medida em que pretendo entregar o projeto num concurso da CML, sujeitar-me-ei ao local onde a CML sinta como prioritária esta intervenção.

Acredito que, apesar de cada zona de Lisboa ter características e necessidades próprias, o projeto desenhado pode, em tudo, dar respostas adequadas aos diferentes contextos de cada comunidade, pois assenta no respeito pela individualidade e necessidades de cada criança, indiferentemente da sua cultura, religião ou estatuto social. Logo, poderá ser facilmente adaptada após a designação do local e do reconhecimento da comunidade onde se vai inserir, as suas características e a que necessidades deverá corresponder.

2.2.3 Para Quem

A Creche tem como objetivo dar resposta de qualidade a crianças dos 4 meses aos 3 anos, cujos pais/encarregados de educação tenham necessidade de encontrar uma instituição a

quem confiar o cuidado e a educação dos seus filhos enquanto trabalham e se revejam no projeto educativo desenhado, assente em 6 pilares: 1. Pedagogia Participativa. A criança através das suas ações vai construindo as suas aprendizagens, primeiramente ao observar, depois movimentando-se, conseguindo assim chegar junto de outras crianças, outros objetos, explorando-os e descobrindo o que a rodeia. Ao adulto, cabe a tarefa de estimular a curiosidade, de proporcionar ambientes pedagógicos que possibilitem interações e experiências ricas e desafiantes, através de atividades e projetos conjuntos, adequadas às respetivas idades e fazer parte destas descobertas, permitindo às crianças e ao grupo “coconstruir” a sua própria aprendizagem. (Formosinho e Oliveira-Formosinho, 2008); 2. Respeito pela Criança na sua Individualidade - o respeito por cada um, na sua individualidade, ajudando a que cresçam ao seu ritmo e possibilitando assim o despiste de inaptações; 3. Respeito pelo outro, independentemente da sua raça ou credo, fomentando desta forma a vida em comunidade e partilha; 4. Família. Respeito pela família enquanto célula fundamental da sociedade, à família cabe a educação da criança, é nela que se iniciam as primeiras aprendizagens. O trabalho conjunto neste caminho da educação será benéfico para o crescimento da criança; 5. Tempo. Tempo para brincar, explorar e descobrir o mundo à sua volta, sendo a criança construtora da sua própria aprendizagem e conhecimento. Brincar é um direito consagrado nos Direitos da Criança, para isso, esta precisa de tempo e condições, emocionais e físicas para os fazer, pretendemos fomentar este estar por acreditarmos ser o princípio de toda a aprendizagem; 6. Natureza. A Natureza é a nossa “Casa Comum”, acreditamos que fomentando a estreita relação com a natureza, desenvolvemos o seu conhecimento, respeito e admiração e educamos para o valor cuidado, respeito e preservação deste bem que herdamos que é a “Casa Comum”.

Este projeto é para ser desenvolvido em parceria com a Camara Municipal de Lisboa, uma vez que pretende integrar uma candidatura a um equipamento de Creche.

2.2.4 Por Quem

Trabalhar em equipa é uma mais valia para qualquer organização. É assim mesmo que pretendo levar a cabo esta missão. Desafiando cada um, na sua área profissional, até mesmo porque ninguém domina todos os conhecimentos, a juntar-se a esta missão de criar um projeto educativo diferenciador e de o levar a crescer. Cada pessoa, pode contribuir para o sucesso do projeto e este, para funcionar, precisa mais do que conhecimentos pedagógicos e de gestão.

Na Direção Executiva/Gestão encontraremos: um gestor, um advogado e um contabilista/financeiro, tomará acento nesta direção o Diretor Técnico.

Na Equipa Pedagógica, contaremos com profissionais de excelência. A equipa será constituída por uma Diretora Técnica, uma educadora e auxiliar de educação por cada sala, um grupo técnico integrado por psicóloga e terapeuta da fala, bem como um professor de música, inglês e um psicomotricista, e toda uma equipa de apoio, como cozinheiro e ajudante de cozinha, empregados de limpeza e administrativos. Todos deverão conhecer, estar alinhados e comprometidos com o PE, saber quais os valores e missão a que se propõe, acreditar e defender o princípio orientador pretendido para esta instituição: qualquer adulto é agente educativo desde que entra na instituição até que sai e, quer através do seu exemplo diário, quer da maneira como age, fala ou se relaciona, faz parte ativa da educação destas crianças.

2.2.5 Com Que Meios

Chegou o momento de nos debruçarmos sobre os meios que utilizaremos para desenvolver o projeto. Necessitaremos de recursos humanos, materiais e financeiros.

Para os primeiros contemplamos todas as pessoas fundamentais para a Equipa Executiva/ de Gestão, Pedagógica e de funcionamento geral, a saber: um gestor, um advogado, um contabilista/financeiro, diretora técnica, uma educadora e uma auxiliar de educação por cada sala, um psicólogo, um terapeuta da fala, um professor de música, outro de inglês, um psicomotricista, cozinheiro e ajudante de cozinha, empregado de limpeza e uma administrativa.

Para os recursos materiais deveremos enumerar todos os equipamentos e consumíveis essenciais para as áreas a existir: Berçário, Sala de Aquisição de Marcha, Sala de 1 Ano, Sala de 2 Anos, Recreio, Copa no Berçário, Refeitório, Cozinha, Fraldários, Casas de Banho de adultos e crianças, Secretaria, Sala de Direção, Sala de Educadoras e Sala de Arrumos. Todos estes equipamentos deverão obedecer às regras existentes para serem passíveis de utilização em Creche, regras e normas essas que se encontram estipuladas na Portaria, n.º 262/2011, na qual nos deveremos basear.

A especificidade e quantidades só poderão ser enumeradas num momento posterior, aquando do conhecimento do espaço físico adjudicado pela CML. No entanto, fazendo uma projeção pelo serviço típico destas instituições podemos contar com uma sala de cada valência, saberemos à partida que necessitaremos de:

Berçário (8 Bebés) com: Área de Dormir, 8 camas de grades e respetiva roupa de cama (resguardos, lençóis de baixo e de cima, edredons), caixinha de música; no Fraldário, móvel para troca de fraldas e banheira, móvel de arrumação, 8 caixas para cada criança ter os seus produtos de higiene; na Copa, Micro-ondas, frigorífico, cafeteira elétrica, varinha mágica e um-

dois-três, esterilizador de biberons, armário de arrumação para as comidas que trazem de casa, panos e esfregões; na Área de Brincadeira, um tapete, 2 espreguiçadeiras, almofadas, espelho, apoio de espelho, brinquedos adequados, rádio/coluna, 4 cadeirinhas de papa. **Sala de Aquisição de Marcha (14 Crianças):** Tapete, brinquedos adequados, material de papelaria, espelho, almofadas, 2 mesas e 12 cadeiras, moveis de arrumação para brinquedos e para materiais dos adultos da sala, rádio/coluna, 14 catres; Fraldário, móvel para troca de fraldas e banheira, móvel de arrumação, 14 caixas para cada criança ter os seus produtos de higiene. **Sala de 1 Ano (14 a 16 crianças):** Tapete, brinquedos adequados, material de papelaria, espelho, almofadas, 2 mesas e 12 cadeiras, móveis de arrumação para brinquedos e para materiais dos adultos da sala, rádio/coluna, 14/16 catres; Fraldário, móvel para troca de fraldas e banheira, móvel de arrumação, 14 caixas para cada criança ter os seus produtos de higiene. **Sala dos 2 anos (18 Crianças):** Tapete, brinquedos e livros adequados, materiais para casinha das bonecas, área de construção, material de papelaria, espelho, moveis de arrumação para brinquedos e para materiais dos adultos da sala, rádio/coluna, 18 catres. Para todas as salas, friso de cabides para cada criança. **Recreio:** espaço organizado com diferentes áreas (relva, areia, terra), brinquedos adequados para as diferentes idades (escorrega, cavalinhos, pneus, troncos, casinha de madeira). Caixa de primeiros socorros com respetivo material que dê apoio a todas as salas. **Refeitório:** mesas e cadeiras para 30 crianças e 6 adultos, loiça para almoços e lanches (pratos, copos, colheres, garfos e facas, jarros e taças). **Cozinha:** Fogão, forno, micro-ondas, frigorífico, tachos, frigideiras, utensílios de cozinha, loiça para servir, rolos de papel, materiais de limpeza de loiça e espaço. **Casas de Banho de Adultos:** retrete, autoclismo, lavatório, caixote do lixo, dispensador de papel higiénico e de sabonete, secador de mãos. **Casas de Banho crianças:** retretes com autoclismos, separadores entre retretes, dispensador de papel higiénico, lavatórios, dispensador de sabonete e de papeis para secar mãos, espelho, local de arrumação para materiais de apoio que os adultos necessitem, tal como luvas descartáveis, sacos de plástico, etc. **Secretaria,** duas secretárias com respetivas cadeiras, dois computadores, impressora, estantes, material de escritório. **Sala de Direção:** 1 secretária e respetiva cadeira, duas cadeiras à sua frente, estante para livros, 1 computador, impressora, mesa de reuniões e respetivas cadeiras. **Sala de Educadores:** mesa para 6 pessoas, 6 cadeiras. **Sala de Arrumos:** armários para arrumação de materiais da Creche, cacifos para os colaboradores guardarem os seus objetos pessoais (casaco, sapatos e carteiras).

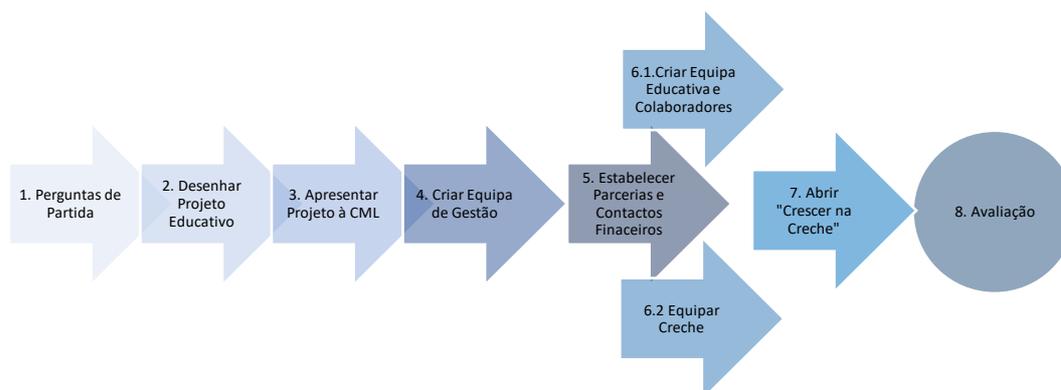
No que diz respeito aos recursos financeiros é de referir a necessidade de elaborar um Plano de Negócios, Business Plan, recorrer à banca e a subsídios para financiar esta operação pelo que, para não sobrecarregar em demasia a estrutura, pretende-se desde o início estabelecer

parcerias com diferentes instituições que tenham interesse em divulgar as suas marcas, produtos e serviços, através da instituição.

2.3 Delinear o Plano de Ação

Tendo já enunciadas as orientações gerais e identificado os recursos necessários, passemos ao próximo passo, o qual consiste em planear a operacionalização e encadear as ações necessárias para poder executar o plano. Neste momento, será importante desdobrar ao máximo cada objetivo, isto é, enunciar todos os passos necessários para cada objetivo e a ação que implica(m).

“Num plano bem desenhado, os objetivos gerais devem decorrer das orientações, os objetivos específicos dos objetivos gerais e as ações devem decorrer dos objetivos específicos (...)” (Capucha, 2008)



Quadro 2 – Plano de Ação

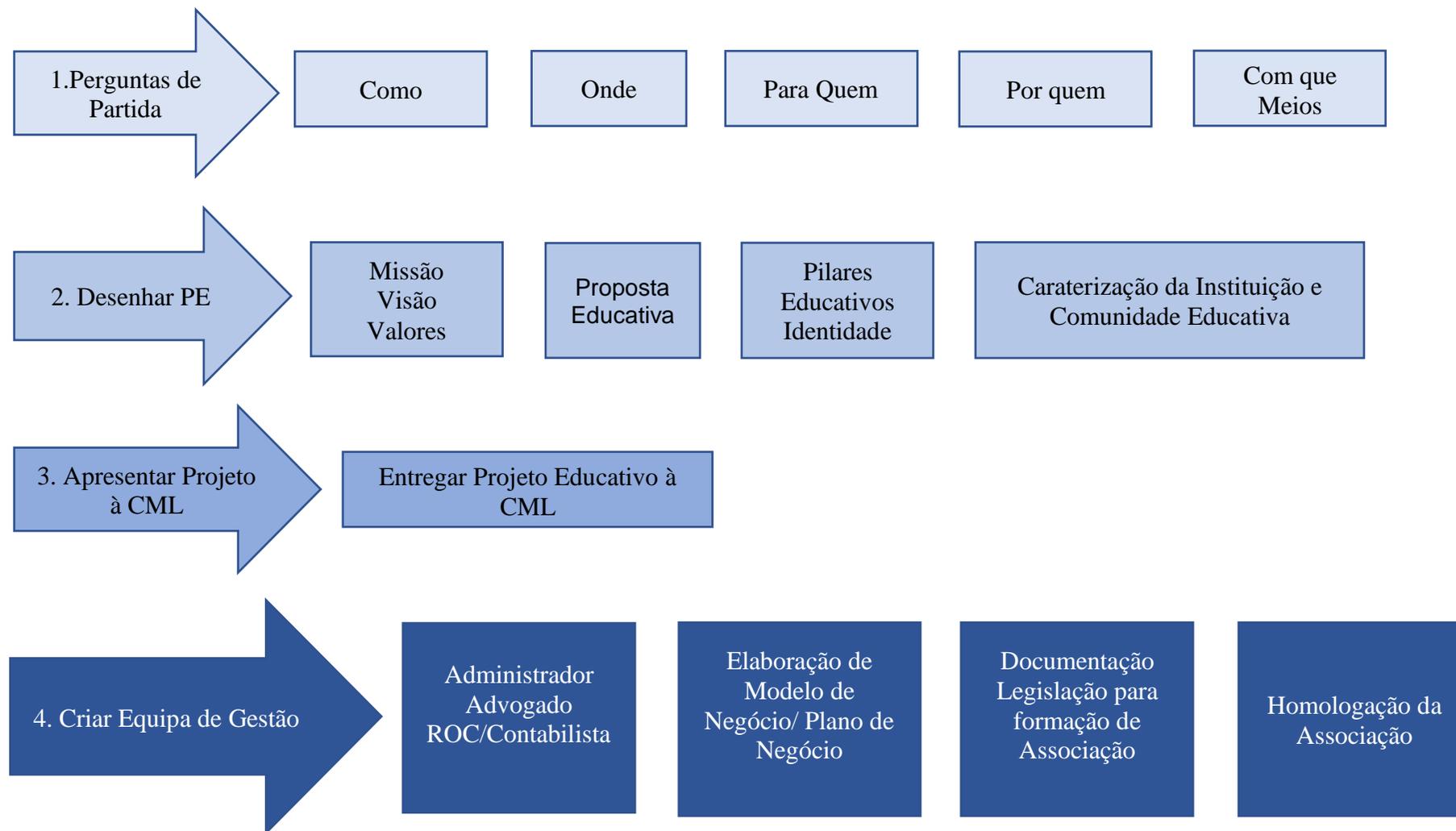
Neste Plano de Ação já efetuamos dois dos passos necessários: Responder às perguntas de partida e elaborar o Desenho do Projeto Educativo, a apresentar no Capítulo seguinte.

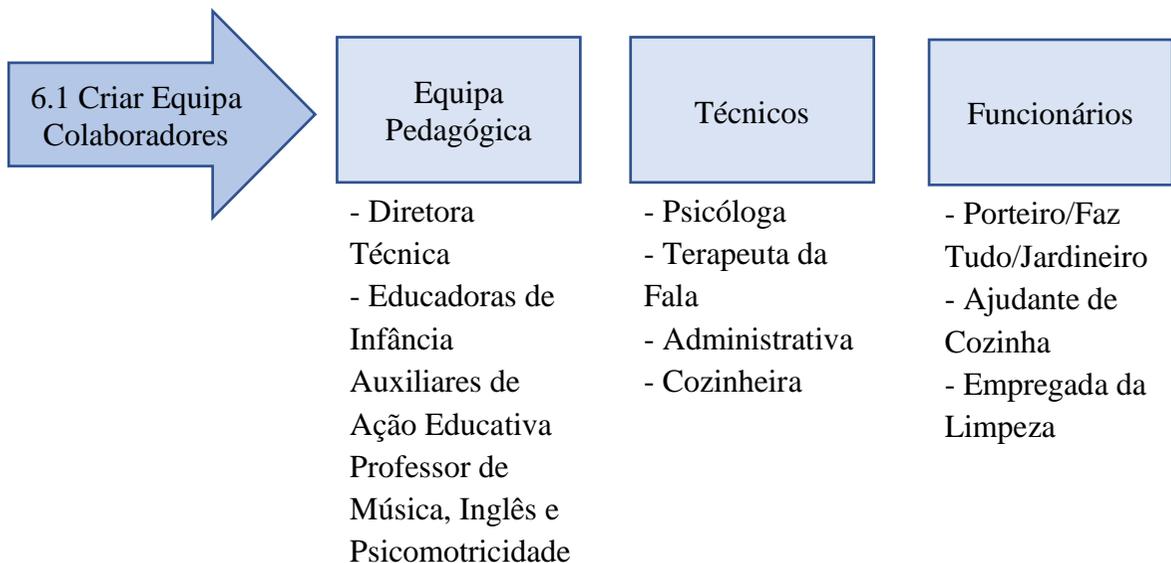
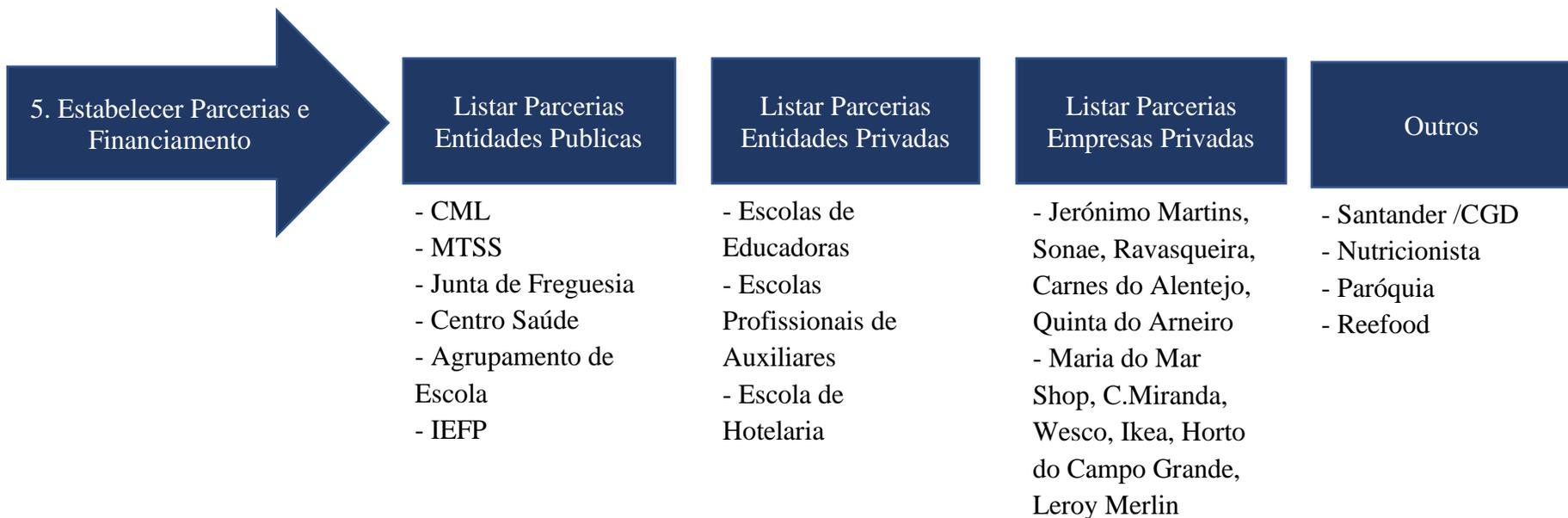
Assim, afigura-se como objetivo seguinte apresentar o Projeto à CML. Uma vez aprovado o Projeto, será necessário formar uma equipa de Gestão, que por sua vez criará uma Associação, a qual será a entidade responsável pela Creche “Crescer na Creche”. Uma vez criada, a Associação deverá executar um plano de negócios (Business Plan), e seguramente terá de recorrer a financiamento junto da banca para um financiamento inicial da operação,

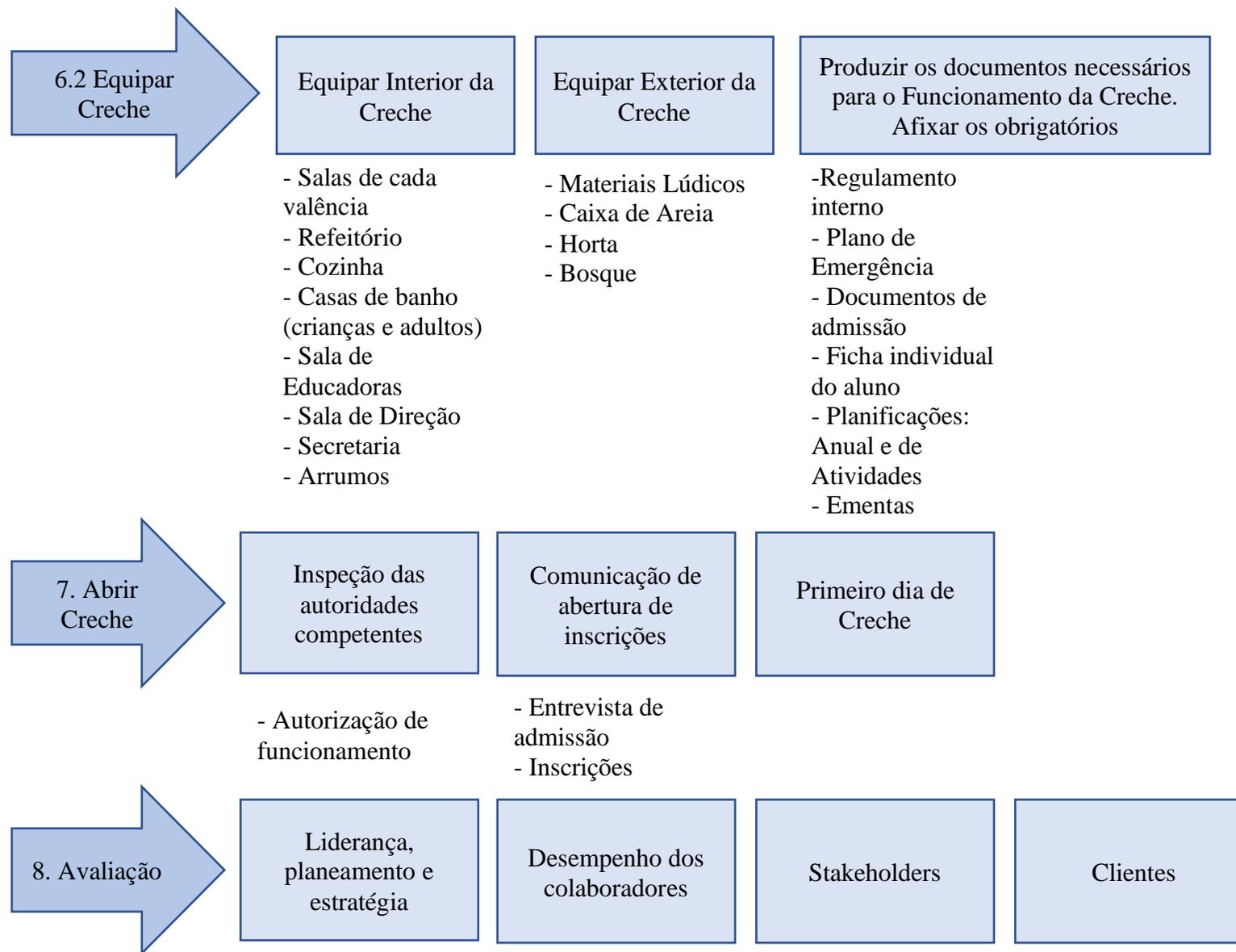
candidatar-se a possíveis financiamentos europeus e/ou de fundações de forma a ter mais capital disponível para não sobrecarregar o recurso à banca, e estabelecer parcerias com diversas entidades (apresentarei mais à frente algumas parcerias que gostaria que viessem a fazer parte deste projeto pela representatividade na sociedade e por se alinharem com os princípios defendidos), também será a Associação, responsável por elaborar todos os documentos necessários para a abertura e funcionamento da Creche (documentos legais e obrigatórios, enunciados no Manual de Processos Chaves). Realizados estes passos, tornar-se-á viável iniciar a seleção e recrutamento dos colaboradores com o perfil já enunciado anteriormente, assim como a aquisição de todos os materiais e mobiliário necessários para equipar a Creche. Com todos estes passos dados, estaremos então em condições para abrir a Creche, isto é, fazer comunicação da sua existência e proceder às candidaturas e admissões. No entanto, para o fazer é essencial que seja realizada, por parte da entidade que tutela este serviço, MTSS, uma vistoria, de modo a ser homologada a licença de funcionamento. Imediatamente a seguir a ser dada esta autorização, poderemos proceder à Campanha de Comunicação de abertura de um novo equipamento e iniciar a admissão das crianças que o irão frequentar. Por fim registamos a Avaliação. Esta avaliação incide sobre a Liderança, o Planeamento e a Estratégia. A Avaliação de Desempenho de todos os colaboradores sem exceção, dos Parceiros e dos Clientes será também organizada.

É de salientar a importância dada à Avaliação de cada etapa do projeto, como sendo um momento fundamental de análise e reflexão, para a realização de possíveis ajustamentos de estratégias, prazos, etc. Só depois desta ser realizada poderemos avançar para o passo seguinte. Esta avaliação é vista como um feedback do processo, com os consequentes reajustamentos necessários e identificados.

Desenho do Plano de Ação e implicação a cada passo, no fim de cada momento será realizada a avaliação dessa etapa para passar para a seguinte.







Quadro 3 – Esquema do Plano de Ação

CAPÍTULO III - PROJETO EDUCATIVO

3.1 Considerações para o desenho do PE

É realmente importante investigar o que está escrito como normas orientadoras do Projeto Educativo na lei. Assim, encontramos em Diário da República, 1.ª série - N.º 167-31, de agosto de 2011, no Artigo 6.º tudo o que diz respeito ao Projeto Educativo e ao Projeto Pedagógico.

É de salientar que no Projeto Educativo deve ser dada a resposta aos objetivos delineados para a Creche, isto é, nele deve constar como vai a instituição: 1. Facilitar a conciliação da vida familiar e profissional do agregado familiar; 2. Colaborar com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo da criança; 3. Assegurar um atendimento individual e personalizado em função das necessidades específicas de cada criança; 4. Prevenir e despistar precocemente qualquer inadaptação, deficiência ou situação de risco, assegurando o encaminhamento mais adequado; 5. Proporcionar condições para o desenvolvimento integral da criança, num ambiente de segurança física e afetiva; 6. Promover a articulação com outros serviços existentes na comunidade.

O Projeto Educativo, é um instrumento de planeamento e de acompanhamento das atividades desenvolvidas pela creche, de acordo com as características das crianças. Nele devem constar: 1. O plano de atividades sociopedagógicas que contemplam as ações educativas promotoras do desenvolvimento global da criança (motor, cognitivo, pessoal, emocional e social); 2. O plano de informação que integra um conjunto de ações de sensibilização das famílias na área da parentalidade. Para cada grupo de crianças, deve ser elaborado um projeto pedagógico de sala, pela respetiva educadora e pode ter a participação da restante equipa técnica, diretora técnica e educadoras, pressupõe também a participação dos encarregados de educação e outros serviços/parceiros da comunidade. É sugerida uma avaliação semestral.

Deste modo, a organização do Projeto Educativo da Creche “Crescer na Creche” deve conter de forma clara e explícita a Proposta Educativa, os Pilares Educativos, a Identidade, a Descrição da Instituição, a Missão, Visão e Valores, a descrição da Comunidade Educativa, a Formação proposta para a Comunidade Educativa e os moldes da Avaliação a realizar às crianças e como é comunicada aos pais, e a Avaliação aos colaboradores.

Existem algumas considerações que gostaria de ter em linha de conta, antes de passar mais especificamente a cada ponto do projeto Educativo.

O primeiro é referir que neste momento alguns destes aspetos são impossíveis de apresentar, uma vez que o local de implementação desta instituição só será conhecido *à posteriori*, logo as características da comunidade onde se vai inserir e a quem vai dar resposta, só poderão ser enunciadas numa fase posterior.

O segundo, relaciona-se com a opção do Modelo Pedagógico a adotar. Poderia referir vários métodos pedagógicos com os quais me identifico e acredito, serem excelentes potenciadores do desenvolvimento das crianças, tal como o Movimento de Escola Moderna (MEM), High-Scope, o Modelo Reggio Emília, o Método Montessori ou a Metodologia de Projeto.

No MEM, os educadores encontram na escola o local ideal para iniciarem as “práticas de cooperação e de solidariedade de uma vida democrática”. A aprendizagem de conhecimentos realiza-se através da participação de todos os elementos do grupo (heterogéneo e não organizado por idades), na organização do espaço (seis áreas de atividades, designadas por oficinas), nos materiais, na seleção de projetos e saberes que desejam adquirir ou construir, como também a forma como vão investigar e apropriar o conhecimento. A avaliação destes mesmos aspetos é realizada em conjunto, crianças e educador. Baseia-se em sete princípios de estruturação da atividade educativa, a saber: *“os meios pedagógicos veiculam em si os fins democráticos da educação; a atividade escolar, enquanto contrato social e educativo, explicitar-se-á através da negociação progressiva dos processos de trabalho que fazem evoluir a experiência pessoal para o conhecimento dos métodos e dos conteúdos científicos, tecnológicos e artísticos; os processos de trabalho escolar reproduzem os processos sociais autênticos da construção da cultura nas ciências, nas artes e no quotidiano; a informação partilha-se através de circuitos sistemáticos de comunicação dos saberes e das produções culturais dos alunos; as práticas escolares darão sentido social imediato às aprendizagens dos alunos, através da partilha de saberes e das formas de interação com a comunidade; os alunos intervêm ou interpelam o meio social e integram na aula atores comunitários como fonte de conhecimento nos seus projetos”*(Niza, 1996:142). Já o método High-Scope baseia-se numa construção progressiva do conhecimento sobre a educação de infância, através da observação e reflexão das ações das crianças, a reflexão do papel do educador e da ação educativa. Este método surge da vontade de preparar as crianças para a entrada no ensino formal, e esta é o centro da ação educativa. Ao educador cabe a tarefa de preparar o espaço, materiais, experiências e atividades, observar e apoiar a criança, refletir sobre a situação observada e projetar a ação seguinte. O objetivo último deste método é a construção da autonomia intelectual da criança. Para que seja alcançável o método assenta em 4 secções: o ambiente

físico, a rotina diária, a interação adulto-criança e por fim a interação adulto-adulto. (Oliveira-Formosinho, 1996:54-85). O Modelo Reggio Emilia tem como objetivo fundamental promover as relações, interações e comunicação. Defende que o conhecimento emana da construção pessoal e social, no qual a criança tem um papel ativo na sua socialização coconstruída com o grupo de pares e que é a partir da comunicação, cooperação, partilha de atividades e ideias que constrói o seu conhecimento do mundo. Estas escolas são organizadas de modo a favorecer a socialização, a exploração e aprendizagem em grupo, estimulando o relacionamento entre toda a comunidade educativa. Cada sala encontra-se dividida por áreas, apetrechadas consoante a atividade a realizar-se nesse espaço. As crianças são incentivadas a movimentarem-se pelos diferentes espaços. É suposto que o adulto se envolva nas diferentes tarefas que a criança está a realizar. Neste modelo, é dada uma grande importância ao espaço exterior, sendo alvo de reflexão e organização cuidada e planeada de acordo com os objetivos e necessidades das crianças. Pretende-se que seja um espaço que dê continuidade ao trabalho desenvolvido no interior. No entanto, tem como objetivo maior ser possibilitador de experiências e atividades mais ativas diferenciadas das do interior, mantendo o objetivo de fomentar o desenvolvimento social, cognitivo e motor. Outra particularidade deste método é o facto de as paredes da escola serem utilizadas para comunicarem com pais e visitantes. Nelas são expostas os trabalhos das crianças, com explicação do trabalho desenvolvido, muitas vezes acompanhadas de fotografias para que se perceba o processo do trabalho elaborado, tornando-se facilitador de comunicação entre família e crianças, escola e casa. Defendem mesmo o lema “as nossas paredes falam, documentam...” (Malaguzzi, 1994 cit por Dalila Lino 1996:110). Para o Método Montessori, o desenvolvimento da criança ocorre de forma natural, à medida das percepções que esta vai tendo do mundo. Considera fundamental desenvolver toda a área sensorial da criança para que possa apreender o mundo através da manipulação de materiais. Assim sendo, desenvolveu uma série de materiais e atividades que permitiam estas aprendizagens. No seu currículo, estão incluídos “exercícios de vida prática”, o estudo da natureza, a jardinagem, a geografia, a matemática e um programa de leitura e escrita. O educador tem como função preparar o meio, selecionar os materiais, explicar a atividade. A criança podia escolher qual a atividade em que participar, experimentá-la e realizá-la de forma autónoma, quando sentisse que já dominava determinada competência poderia passar para outro nível. Maria Montessori, fundadora do método, acreditava no princípio da autoeducação, relegando para o adulto um papel mais pacífico na realização das atividades (Brown e Spodek, 1996:19).

Por último, na Pedagogia de Projeto, encontramos o currículo centrado na criança, no adulto e no contexto. Vê a criança como ser competente, implicando-a no processo de

descoberta e investigação, tendo-a como “investigador nato, motivado para a pesquisa e para a resolução de problemas (...) cada vez mais autônoma e capaz de gerir o seu próprio processo de aprendizagem” (Teresa Vasconcelos, 1998:133).

A verdade é que a Pedagogia Participativa, incorpora um pouco do que estes métodos ou modelos curriculares para o Pré-escolar defendem, as crianças são construtoras ativas do saber, advogam o saber fazer, o observar a realidade e a natureza que nos envolve. Torna assim mais agradável e fácil descobrir e aprender as competências desta fase, tomando as crianças e os adultos como construtores do conhecimento participando nos processos de aprendizagem. (Oliveira-Formosinho, Costa e Azevedo, 2009).

Desta forma, elegemos para a nossa maneira de trabalhar em Creche, a Pedagogia Participativa, pois a criança é envolvida desde sempre na realização das atividades com o objetivo de descobrir e ir construindo o seu conhecimento, sempre com o apoio entusiasta do adulto, sendo estas premissas com as quais nos identificamos claramente.

Em terceiro lugar gostaria de referir a importância que este projeto pretende dar à educação para o cuidado a ter com a Natureza, a uma prática de vida saudável e sustentável, à brincadeira ao ar livre e ao tempo passado na Creche como um tempo sem pressas para descobrir o mundo à nossa volta, acreditando que o tempo despendido com as rotinas, é um tempo importante de vinculação entre adultos e crianças e um tempo importante de aprendizagem para a autonomia. É importante ressaltar a ideia enunciada por vários cientistas e até mesmo pelo Papa Francisco (2015) de cuidar do nosso planeta, a nossa “Casa Comum”, da importância da mudança de hábitos de vida. Refere “o urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar.” Assim, começamos de pequeninos a respeitar a natureza e a cuidar dela através dos nossos comportamentos.

O quarto ponto, trata-se de sublinhar que o Projeto está assente numa visão católica, acredita nos valores transmitidos como essenciais à vida: o amor, a verdade, a tolerância, a justiça e a paz, pelos quais se pautará, tendo sempre presente o respeito pelo outro, independentemente da sua opção religiosa.

Assim sendo, passarei a identificar, pela mesma ordem anteriormente exposta, todos os pontos deste Projeto Educativo.

3.2 Projeto Educativo

3.2.1 Proposta Educativa

Temos a pretensão de mudar o mundo. Sabemos que não é uma tarefa fácil, talvez um bocadinho utópica e sonhadora, mas desempenhando o papel a que somos chamados para intervir na sociedade e ajudar a melhorá-la, assumimos esse papel muito conscientes da missão que nos cabe. Pretendemos cuidar e educar as crianças que nos são confiadas e, através delas e da educação de excelência que pretendemos, fazer a nossa parte tornando-as pessoas capazes de melhorar o mundo onde vivemos. Desejamos despertar nestas crianças o sentido de curiosidade e de exploração pelo que está à sua volta, levando-as a querer conhecer e entender qual o espaço que ocupam no mundo. Fazer crescer em cada uma, e também nas suas famílias, o respeito por si próprios e pelos outros, para que desde cedo aprendam a conhecer-se como ser individual, mas também a saber viver em comunidade, respeitando diferentes opiniões, culturas e religiões.

Contamos para isso com uma equipa que se pretende que venha a ser de excelência, que adequará as propostas de exploração à idade e características de cada grupo, respeitando sempre, as capacidades de cada um e a do grupo.

3.2.2 Identidade

A Creche – Crescer na Creche – constrói-se sobre uma base católica de serviço ao outro. Assim, estamos comprometidos com a promoção da pessoa total, logo na sua formação humana e espiritual desde cedo. Defendemos e cultivamos os valores humanos essenciais à vida: amor, verdade, tolerância, justiça e paz. Defendemos uma educação personalizada onde é fundamental o respeito por cada um, como ser único e individual, assim acreditamos e preconizamos uma educação de qualidade. Queremos sensibilizar as nossas crianças para o cuidado e atenção para com o outro, a natureza e o meio ambiente. Pretendemos desenvolver um espírito de família e complementaridade no desempenho da nossa tarefa de educar.

3.2.3 Pilares Educativos

São 6 os Pilares que sustentam o Projeto:

1. Pedagogia Participativa

A criança através das suas ações vai construindo as suas aprendizagens, inicialmente ao observar, depois movimentando-se, conseguindo assim chegar junto de outras crianças, outros objetos, explorando-os e descobrindo o que a rodeia. Ao adulto, cabe a tarefa de estimular a curiosidade, de proporcionar ambientes pedagógicos de qualidade que possibilitem interações e experiências ricas e desafiantes, através de atividades e projetos conjuntos, adequadas às respetivas idades e fazendo parte destas descobertas, permitindo às crianças e ao grupo “coconstruir” a sua própria aprendizagem. (Formosinho e Oliveira-Formosinho, 2008).

2. Respeito pela Criança na sua Individualidade - o respeito por cada um, na sua individualidade, ajudando a que cresçam, mas respeitando sempre o ritmo de cada um e possibilitando assim o despiste de inaptações, deficiência ou alguma situação de risco podendo agir e intervir nestes casos.

3. Respeito pelo outro, independentemente da sua raça ou credo, fomentando desta forma a vida em comunidade e partilha;

4. Família. Respeito pela família enquanto célula fundamental da sociedade. À família cabe a primeira responsabilidade na educação da criança, é nela que se iniciam as primeiras aprendizagens. O trabalho conjunto com a Creche neste caminho da educação será benéfico para o crescimento da criança.

5. Tempo. Tempo para brincar, explorar e descobrir o mundo à sua volta, sendo a criança construtora da sua própria aprendizagem e conhecimento. Brincar é um direito consagrado nos Direitos da Criança, para isso, esta precisa de tempo e condições, emocionais e físicas para os fazer, pretendemos fomentar este “estar” por acreditarmos ser o princípio de toda a aprendizagem.

6. Natureza. A Natureza é a nossa “Casa Comum”, acreditamos que fomentando a estreita relação com a natureza, desenvolvemos o seu conhecimento, respeito e admiração e educamos para o valor do cuidado, respeito e preservação deste bem que herdámos que é a “Casa Comum”.

3.2.4 Princípios Fundamentais

Acreditamos que os primeiros anos de vida são essenciais para o desenvolvimento futuro das crianças, assim temos como princípios fundamentais do nosso projeto:

A Relação Família/Escola – sabemos que os pais são os primeiros educadores, desejamos ser seus aliados nesta função. Através de um trabalho conjunto, pais e escola, poderemos ter mais sucesso na educação das crianças. Para tal, organizaremos momentos para

fomentar esta relação, que se quer positiva. De manhã e ao fim do dia, no momento de entrega e de ir buscar as crianças, a Creche estará aberta para acolher as crianças e receber os pais. Ao longo do ano existirão momentos para reforçar esta relação: Conversas informais no dia a dia com as educadoras; Reuniões Individuais: em setembro, início do ano letivo, para conhecer a educadora e fazer a ficha de anamnese, em outubro uma reunião individual para apresentar e construir o Plano de Desenvolvimento Individual (PDI), em janeiro para fazer a avaliação do PDI e apresentar novos objetivos até ao fim do ano, em julho para avaliar o PDI; Reuniões Gerais: em setembro para apresentar a equipa da Creche e o projeto do ano letivo e no fim do 2º Período para realizar um balanço do trabalho realizado até então e perspetivar o que ainda falta; Festas: Magusto, Festa de Natal, Dia do Pai, Dia da Mãe e Festa de Fim de Ano (nos projetos Pedagógicos de Sala ou no Projeto Anual poderão ser contemplados outros eventos).

A Vinculação – é essencial desde o primeiro contacto iniciar com cada criança uma vinculação forte, esta é a base de toda a relação e trabalho que desejamos realizar com cada um. À medida que se vão conhecendo, os adultos devem tornar-se figuras de referência para cada criança e com esta devem estabelecer entre si vínculos que se transformem em relações fortes e de confiança. Estes vínculos constroem-se a cada momento e rotina do dia a dia do bebé/criança na creche, em situações tão simples como o acolhimento a cada manhã, numa troca de fralda, numa refeição dada ou num momento de brincadeira, momentos simples mas de uma importância infinita.

Desenvolvimento da Criança – cada criança é um ser único, como tal com a sua individualidade e características próprias. Através dos planos idealizados para cada grupo e para cada criança, pretendemos desenvolver e estimular todas as áreas de desenvolvimento permitindo que cada uma cresça descobrindo-se a si própria e ao outro, ao mundo à sua volta. A cada educadora compete refletir na intencionalidade educativa de cada momento e atividade para poder potenciar as descobertas e aprendizagens a cada dia. Para tal, realizará um Projeto Pedagógico de Sala, onde constam vários instrumentos de trabalho como o planeamento anual, e um planeamento semanal, neles deverá espelhar as necessidades do grupo e de cada criança, de forma a desenvolver atividades que vão de encontro aos interesses e necessidades do seu grupo de crianças. Para dar uma resposta mais individualizada, deverá elaborar para cada um o PDI, tendo sempre em linha de conta as diferentes áreas de desenvolvimento: Pessoal e Social, Expressão e Comunicação, Conhecimento do Mundo.

3.2.5 Objetivos Gerais

Estes objetivos são referentes às seguintes áreas de desenvolvimento: motor, cognitivo, pessoal, emocional e social.

1. Maior Autonomia.
2. Desenvolver a capacidade de atenção e concentração.
3. Adquirir de maior controlo e coordenação motora, larga e fina (aquisição da marcha, correr, subir, descer, saltar, preensão da mão, manipulação de objetos).
4. Conhecimento do esquema corporal.
5. Reconhecer espaços.
6. Estimular a perceção auditiva, visual, táctil, gustativas e olfativa.
7. Explorar sons e ritmos. Desenvolver o sentido musical.
8. Desenvolver a linguagem corporal, gestual e oral.
9. Explorar a representação simbólica através da arte dramática.
Desenvolver a imaginação.
10. Explorar diferentes materiais, formas, texturas, cores, temperaturas.
11. Descobrir o eu e o outro. Respeitar o outro. Fomentar a socialização.
12. Respeitar o espaço e material comum: salas, recreios, materiais e brinquedos.
13. Compreender regras.
14. Fomentar hábitos saudáveis no que diz respeito à alimentação e estilos de vida

3.2.6 Missão, Visão e Valores

Missão: A Creche – Crescer na Creche – tem como missão proporcionar uma educação integral a cada criança cuidando e educando de modo sério e exigente no caminho de uma educação de excelência desenvolvendo em cada um capacidades de forma a que se tornem crianças seguras capazes de enfrentarem o futuro com entusiasmo.

Visão: Ser inovador na área da educação para a primeira infância. Através de projetos mais modernos que tenham no centro o interesse do desenvolvimento da criança através da brincadeira, exploração e contacto com a natureza, privilegiando a educação para a aquisição de hábitos alimentares saudáveis, a atividade física ao ar livre e a promoção de uma vida mais sustentável através de projetos de reutilização, reciclagem, combustão na própria vida diária da instituição.

Valores: A Creche fundamenta a sua atividade nos valores do amor, verdade, tolerância, justiça e paz. Pretendemos ajudar a formar crianças autónomas, capazes de respeitar o outro e a natureza, mesmo nestas idades tão iniciais.

3.2.7 Descrição da Comunidade Educativa

Esta proposta educativa, desafia os vários elementos da Creche a um comprometimento com as crianças e famílias que a frequentam. É um trabalho exigente, que se quer desenvolvido em conjunto, próprio de uma comunidade educativa coesa, na qual cada um desempenha a sua função, mas onde o respeito mútuo e a entreatajuda são uma realidade. A criança é o elemento chave desta comunidade, e é por ela que nasce este projeto. Desta forma, tudo o que é pensado e realizado tem como objetivo promover o seu desenvolvimento feliz, harmonioso e integral. A equipa educativa desempenha um papel crucial, pois o seu papel vai muito além da prestação de cuidados. Os educadores da Creche têm de acolher, cuidar, acompanhar, participar, envolver-se, provocar a vontade de descobrir, estimular, ensinar, transmitir e ser exemplo no seu dia a dia. Na Creche existem mais funcionários que apoiam esta equipa, também eles são chamados a desempenhar o seu papel de forma responsável, não esquecendo que a sua presença junto das crianças, funciona também como modelo e exemplo, tornando-se assim também eles em educadores. Os pais/encarregados de educação são os principais responsáveis pela educação dos seus filhos e encontram na Creche uns aliados, uns colaboradores nesta missão. Por isso, queremos trabalhar com eles sempre em conjunto, construindo uma relação de proximidade e entreatajuda, de modo a complementar a sua tarefa de educar.

3.2.8 Descrição Da Instituição

A Instituição é uma creche que dá resposta a crianças dos 4 meses aos três anos de idade.

Horário de Funcionamento

Das 8 horas às 19 horas

Encerra aos fins de semana, feriados e no mês de agosto

3.2.9 Formação

Sabemos o quão importante é a formação ao longo da vida. Que novos estudos vão sendo realizados, novos conceitos estudados, novos caminhos propostos e é fundamental acompanharmos todas estas novas teorias, hipóteses.

Ao desejarmos uma equipa de excelência, temos como obrigação proporcionar e incentivar, os nossos colaboradores a acrescentarem saber à sua formação inicial, sejam eles educadores, auxiliares ou qualquer outro funcionário. De forma a estarmos sempre alinhados nos mesmos princípios, valores e missão, propomos realizar três momentos anuais de formação que levem os nossos colaboradores a parar, refletir e enriquecer o seu saber, junto de pessoas ligadas à área da educação, da psicologia, da saúde ou até mesmo do reforço e enriquecimento do trabalho de equipa.

Na partilha da responsabilidade social que assumimos junto da comunidade, desafiaremos pais, encarregados de educação e a comunidade em geral, a estar presentes nestes momentos, ou em similares que possamos organizar só para eles, propondo temas do seu interesse (sono, alimentação, brincar, educação, debates de temas atuais) e que ajude também ao seu crescimento enquanto pais e pessoas.

3.2.10 Avaliação

A Avaliação na nossa instituição incide em quatro dimensões: Instituição (incluindo aqui os parceiros e clientes), Plano Educativo, Colaboradores e Desenvolvimento das Crianças.

A avaliação à **Instituição** em si, avaliando o processo de liderança, planeamento e estratégia, aos parceiros e aos clientes, recorrendo ao Manual de Avaliação da Qualidade em Creche e respetivos Inquéritos de Satisfação, desenhados pela Segurança Social, com o objetivo de obter a excelência do serviço prestado. Ao **Projeto Educativo**, que será desenhado por um período trianual, deverá sofrer avaliações ao final de cada ano, de modo a avaliar se os objetivos foram atingidos e a poderem ser corrigidos. Esta avaliação contempla a avaliação dos Projetos Pedagógicos de Sala, onde se avalia todo o contexto educativo: planeamento das atividades planeadas, a organização do espaço e dos materiais.

Aos colaboradores, através da **Avaliação de Desempenho** que se realiza em dois momentos ao longo do ano, um de autoavaliação, monitorização e plano de ação com objetivos, em janeiro (5 meses depois de ter iniciado o ano letivo, e no final do ano letivo) julho, a avaliação final (cumprimento dos objetivos ou não).

Em relação à avaliação do **Desenvolvimento das Crianças**, teremos três momentos com os pais/encarregados de educação para elaborar os Planos de Desenvolvimento Individual (PDI). O primeiro em outubro, onde serão desenhados os objetivos a atingir, o segundo em janeiro, momento em que será avaliado esse plano inicialmente proposto e serão elaborados novos objetivos, e, o terceiro e último, em julho onde será avaliado o segundo PDI. Será

elaborado um relatório com estas avaliações qualitativas, onde é registada a evolução de cada criança, e incorporado no Caderno do Aluno, um portefólio anual onde serão registadas várias atividades e momentos significativos, de forma a construir um retrato do ano letivo de cada um, e no qual serão incluídos esses relatórios referentes aos dois momentos da avaliação. Estes momentos de avaliação, serão extremamente úteis para balizar o desenvolvimento de cada criança, perceber se está a ser adequado e nos tempos indicados como certos, possibilitando o despiste de inadequações ou deficiências podendo intervir de um modo mais eficaz ou sinalizar a situação para entidades competentes de intervenção precoce, caso do Serviço Nacional de Intervenção Precoce na Infância (SNIPI). Esta avaliação baseia-se na observação e registo individual de cada criança, materiais de apoio às educadoras. Para tal utilizaremos as grelhas das Experiências Chave, que se encontram divididas em 7 áreas de desenvolvimento: 1. Comunicação e Linguagem, 2. Exploração Lógica, 3. Movimento e Música, 4. Noção Precoce de Quantidade, Número, Espaço e Tempo, 5. Relações Sociais, 6. Representação criativa e 7. Sentido de si Próprio, contemplando 3 momentos chaves de crescimento: 4-12 meses, 12-24 e 24-36. Como referido é realizada em 3 momentos: a primeira em setembro/outubro, a segunda em janeiro e a terceira e última em junho/julho.

CAPÍTULO IV - MODELO DE AVALIAÇÃO

Torna-se fundamental refletir sobre a avaliação que se deseja para este Projeto “Crescer na Creche”. Para garantir desde início qualidade nos serviços prestados, é essencial defender a excelência logo à partida. Ter definidos objetivos, estes serem bem comunicados a toda a Equipa e ter sempre presente quais as metas a atingir, o nível de excelência que se pretende e, em conjunto, trabalhar para que seja uma realidade constante na instituição. É também importante, delinear ou proceder à escolha do modelo de avaliação pretendido.

Existem já vários modelos integrados de gestão de qualidade possíveis de serem utilizados, tais como o Common Assessment Framework (CAF), Balanced Scorecard ou o Modelo de Excelência.

Porém o MSST, entidade que tutela as Creches, elaborou, através do Instituto de Segurança Social (ISS), um Modelo de Avaliação da Qualidade das Respostas Sociais, com o objetivo de ter “um referencial normativo que permita avaliar a qualidade dos serviços prestados”. Este Modelo, baseia-se nos princípios de gestão da qualidade, nele estão estabelecidos os requisitos necessários para a implementação do Sistema de Gestão da

Qualidade dos serviços prestados pelas Respostas Sociais, neste caso a Creche. Têm como objetivos:” 1. Ser um instrumento de diferenciação positiva das Respostas Sociais, permitindo incentivar a melhoria dos serviços prestados; 2. Ser um instrumento de autoavaliação das Respostas Sociais, permitindo rever de uma forma sistemática o desempenho da organização, as oportunidades de melhoria e a ligação entre aquilo que se faz e os resultados que se atingem; 3. Apoiar no desenvolvimento e implementação de um Sistema de Gestão de Qualidade nas Resposta Sociais, permitindo uma melhoria significativa da sua organização e funcionamento, nomeadamente a través de: melhoria da eficiência e a eficácia dos seus processos; maior grau de participação dos clientes, nos serviços que lhe são destinados; maior dinamização e efetivação da participação da família no âmbito da Resposta Social; aumento do grau de satisfação das expectativas e necessidades dos clientes, colaboradores, fornecedores, parceiros e, de um modo geral, de todo o meio envolvente da organização e da sociedade em geral.” (in Manual de Avaliação da qualidade Creche 2ªedição). O Modelo baseia-se em oito critérios divididos em duas partes: Meios e Resultados: quatro respeitantes aos Meios, isto é, ao que se faz e como se faz, e outros quatro aos Resultados, ou seja referentes ao que se conseguiu alcançar. Os primeiros, Meios, englobam a análise da Liderança, Planeamento e Estratégia; das Pessoas; das Parcerias e Recursos e dos Processos. Os segundos, Resultados, debruçam-se sobre: os Resultados nos Clientes, os Resultados nas Pessoas, Resultado na Sociedade e os Resultados chaves do Desempenho. Importa referir que a construção deste Modelo teve por base a norma NP EN ISO 9001:2000 - Sistema de Gestão da Qualidade – Requisitos e o Modelo de Excelência da European Foundation for Quality Management (EFQM). A par deste Modelo de Avaliação, o ISS desenhou um Manual de Processos Chave – Creche com o objetivo de enunciar alguns elementos para a implementação de um Sistema de Qualidade na forma como a organização cria, gere e melhora os seus processos de maneira a gerar valor para os clientes, critério nº4, enunciado no Modelo de Avaliação da Qualidade. Assim, foram enunciados seis processos – chave para a creche: 1. Candidatura, 2. Admissão e Acolhimento, 3. Plano Individual, 4. Planeamento e Acompanhamento das Atividades, 5. Cuidados Pessoais e por último, 6. Nutrição e Alimentação. Para cada um deles encontram-se definidas três áreas: 1. Objetivo, campo de aplicação, fluxograma das atividades/modo operativo, indicadores, dados de entrada e saída e as responsabilidades; 2. Instruções de trabalho que descrevem as atividades associadas a cada processo baseadas num conjunto de boas práticas sendo facilitadoras para a implementação dos respetivos processos; 3. Os respetivos impressos, os considerados mais importantes, de modo a poderem ser instrumento de trabalho e registo das ações realizadas.

CAPÍTULO V – METODOLOGIA

A Metodologia de trabalho utilizada para realizar este projeto incidiu na Metodologia de Projeto.

Identificada uma lacuna na prestação de serviço da creche à população de Lisboa, iniciou-se o trabalho com a verificação efetiva desta necessidade e a pertinência de poder solucionar este problema. Esta investigação realizou-se através de análise de dados concretos existentes na Carta Social (2017), documento oficial, o qual espelha a oferta dos serviços prestados para várias valências. A valência analisada neste caso, foi a resposta dada à 1ª Infância em Portugal e mais objetivamente para Lisboa. Validado o problema, passou-se à análise da pertinência de elaborar uma proposta para a sua resolução ou não. Analisada literatura sobre o caminho percorrido por diferentes entidades, até mesmo a nível Europeu, constata-se que há vontade política e de organismos públicos e privados, para alterar esta situação pois, as alterações na vida social (a mulher desenvolver uma vida profissional fora de casa, a busca de igualdade entre homens e mulheres) assim o impõe (Relatório do Conselho Europeu 2002, Metas de Barcelona, Pacto Europeu para a Igualdade entre Homens e Mulheres (2011-2020), Estratégia Europa 2020).

A própria Câmara de Lisboa impele a comunidade civil a envolver-se na procura da resposta para este problema, apoiando projetos que deem resposta à 1ª infância. Sabemos que é necessário alterar modos de vida e há vários autores debruçados sobre estas temáticas: vida mais ativa e menos sedentária, que possibilite mais atividades ao ar livre, aproveitando todas as hipóteses dadas para se transformarem em aprendizagens e conhecimento, proporcionando um maior contacto com a natureza, criando assim maior empatia por um estilo de vida sustentável e saudável (Bento, Bilton e Dias, 2017).

Assim, com o problema identificado e encontrando pertinência para a resolução do mesmo, de uma forma diferente da habitual, apoiada na teoria da mudança e na metodologia de projeto, iniciei o desenho deste projeto com o objetivo de abrir uma Creche. O desenho do projeto incidiu na enunciação de todas as etapas, finalidades e orientações, objetivo e meta, identificação dos recursos e plano de ação. Contempla, a avaliação de cada uma delas para avançar para a etapa seguinte (Capucha, 2008). Por fim, é selecionado o modelo de avaliação que parece mais indicado para o projeto em si, uma avaliação construída pela própria da Segurança Social, a qual pretende avaliar a Liderança, Planeamento e Estratégia, o Desempenho de todos os colaboradores, dos Stakeholders e dos Clientes, com parâmetros e indicadores

selecionados especificamente para este tipo de serviço, propondo um caminho para um serviço de qualidade e de excelência.

CONCLUSÃO

Neste trabalho é apontado um problema: a não existência de lugares em Creche suficientes para as necessidades do nosso país. Analisada a realidade de Lisboa é notória a ausência dessa resposta e torna-se pertinente avançar com uma proposta diferenciada. É apresentado neste projeto parte da solução para o problema, não totalmente, claro, mas minorizando a “*décalage*” existente entre a oferta e a procura, com a proposta de um projeto educativo para a abertura de uma creche. A realidade em tudo aponta para a continuação da tendência das mulheres quererem ter uma vida ativa na sociedade, tentando e lutando pelo mesmo direito de oportunidades do homem, sendo assim necessário dar esta resposta social e educativa à 1ª infância. Se é verdade que a educação das crianças começa e cabe à família, não é menos verdade, a responsabilidade do estado perante a educação e a resposta social a estas crianças. Assim, torna-se imperativo o Estado Português, através da formulação de novas políticas, e a sociedade civil, desenvolvendo novas propostas, unam esforços para atingirmos metas já acordadas com outros países, de forma a aumentar a cobertura da rede de resposta à 1ª infância. Torna-se imperativo munirmo-nos das capacidades e dos saberes da Administração Escolar para desenhar um projeto que vá de encontro às necessidades sentidas e refletidas na sociedade. Ao elaborar esta resposta social e educativa, embora referente à 1ª infância, valência não incluída no sistema de educação português, a “importação” da gestão, liderança e organização escolar é necessária pois em tudo é similar. São vários os autores e profissionais, como foram referidos, que se debatem por esta inclusão, são múltiplas as razões apontadas em diversos estudos que justificam a importância desta mudança. Veremos esta realidade acontecer em Portugal?

Será a educação da 1ª infância valorizada e reconhecida como fundamental para a vida futura das crianças?

Na procura de dar uma resposta atual neste projeto pedagógico, será pertinente deixar a possibilidade de alargamento para o pré-escolar?

Se pretendemos proporcionar uma educação de excelência, a olhar para as necessidades apontadas como essenciais ao dia de hoje: crianças construtoras do seu saber, implicadas na construção das suas aprendizagens, respeitadoras do outro e do mundo, livres para brincarem na natureza desafiando-se para ir mais longe, implicadas a protege-la e conserva-la como sendo sua casa, crescendo a interiorizar formas de estar saudáveis e sustentáveis, faz todo o sentido que se for positiva esta primeira experiência com a idade de creche, tenhamos a possibilidade de a ver alargar à idade de pré-escolar. Haja força, vontade e saber para querer fazer a nossa

parte no mundo, pois continuamos a acreditar que podemos mudá-lo e este projeto, é um dos meios para alcançar este fim.

BIBLIOGRAFIA

Bairrão, J. L. (s.d.). *Educação pré-escolar em Portugal. Estudo de qualidade*. Porto: Fundação Gulbenkian.

Bairrão, J. (1998). O que é a qualidade em Portugal. In Ministério da Educação (Ed.) *Qualidade e projeto na educação pré-escolar*. Lisboa: Departamento da Educação Básica/ Gabinete para a e Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-escolar do Ministério da Educação

Bento, G., Bilton, H., e Dias, G. (2017). *Brincar ao ar livre. Oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagens fora de portas*. Porto, Porto Editora.

Bourdieu, P. (2007). *A distinção crítica social do julgamento*. São Paulo, Editora Zouk. pp.15-196

Brazelton, T.B. & Sparrow, J.D. (2001). *Touchpoints Three to Six: Your Child's Emotional and Behavioral Development*. Cambridge, MA: Perseus Books

Capucha, L. (2008). *Planeamento e Avaliação de Projeto – Guião Prático*. Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Ministério da Educação.

Carta Social. Relatório 2017 <http://www.cartasocial.pt/relatorios.php#>
<http://cite.gov.pt/pt/destaques/noticia773.html>

Comité para a Igualdade no trabalho e no emprego
<http://cite.gov.pt/pt/destaques/noticia773.html>

Conselho Europeu <https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/education-area/>
<https://data.consilium.europa.eu/doc/document/ST-7976-2019-INIT/pt/pdf>

Conselho Nacional de Educação (2008). *A Educação dos 0 aos 12 anos – Atas do Seminário “A Educação dos 0 os 12 anos”*. Lisboa. Conselho Nacional de Educação

Conselho Nacional de Educação (2010). *Educação das Crianças dos 0 aos 3 anos – Atas do*

Seminário realizado no CNE em 18 de novembro de 2010. Lisboa. Conselho Nacional de Educação.

Estrela, M. (2008). Qualidade da Oferta Educativa em Creche, Universidade de Aveiro

Folque, M.A. (2012). Desenvolver a Qualidade em Parcerias (DQP) – um referencial com potencialidades múltiplas. *Cadernos de Educação de Infância*, 95, 14-19.

Folque, M. A. (2014). Qualidade e identidade da educação de infância em Portugal: processo e desafios atuais. *Cadernos e Educação de Infância*, 102, 7-9.

Gesell, A. (1998). A criança dos 0 aos 5 anos. O bebé e a criança dos nossos dias. Lisboa: Publicações Dom Quixote

Katz, L., Bairrão, J., Lopes da Silva, M.I., Vasconcelos, T. (1998). Qualidade e Projeto na Educação Pré-Escolar. Lisboa: Ministério da Educação

Leal, T., Gamelas, A.M., Abreu-Lima, I., Cadima, J., Peixoto, C. (2009). *Psicologia*, Vol. XXIII (2): 43-54. Lisboa: Edições Colibri

Lopes da Silva, I. (coord). (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Editorial do Ministério da Educação - Direção Geral da Educação (DGE).

Modelo de Avaliação da Qualidade de Creche. (2010). 2ª edição (revista), Instituto da Segurança Social.

Manual de Processos Chave - Creche, Modelos de Avaliação da Qualidade das Respostas Sociais. (2010). 2ª edição, Instituto da Segurança Social.

Neto, C. (2001). Aprendizagem, desenvolvimento e jogo de atividade física. In M.d.G.S.Guedes (Ed.): 193.220. Lisboa Edições FMH

Papa Francisco. (2015). Carta Encíclica *Laudato si'* Sobre o Cuidado da Casa Comum. Águeda, Paulinas Editora

Oliveira-Formosinho, J., Spodek, B., Brown, P.C., Niza, S. (1996) Modelos Curriculares para a Educação de Infância. Porto. Porto Editora

Oliveira-Formosinho, J. (org.). (2009). *Limoeiros e Laranjeiras – Revelando as aprendizagens*. Lisboa. Ministério da Educação- Direção Geral da Inovação e do Desenvolvimento Curricular

Pimentel, I. (2010) A situação das mulheres no séc. XX português
<https://jugar.blogs.sapo.pt/1482011.html>

Portugal, G. (2003). *Crianças, Famílias e Creches – Uma abordagem Ecológica da Adaptação do Bebê à Creche Princípios Educativos em Creche*, Porto Editora

Ramey, C.T. e Ramey, S.L. (1999) Beginning school for children at risc. In R. C. Pianta e M. J. Cox (Eds.), *The Transition to kindergarten*: 217-251. Baltimore, MD: Paul H. Brookes Publishing

Relatório da Comissão ao Parlamento Europeu, ao conselho, ao comité económico e social europeu e ao comité das regiões sobre o desenvolvimento de estruturas de acolhimento de crianças da primeira infância a fim de reforçar a participação das mulheres no mercado de trabalho, a conciliação entre a vida profissional e familiar dos trabalhadores com filhos e um crescimento sustentável e inclusivo na Europa (os «objetivos de Barcelona») 2018
http://cite.gov.pt/pt/destaques/complementosDestqs2/Relat_corrige_oficialm.pdf

Relatório do estudo. A Educação das Crianças dos 0 aos 12 Anos. (2008)
<http://www.cnedu.pt/content/antigo/files/pub/EducacaoCrianças/5-Relatorio.pdf>

Rocha, E. (2001) A pedagogia e a educação infantil. *Revista Brasileira de Educação*, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Jan/Fev/Mar/Abr 2001, 16:27-34

Román, M., Torrecilla, F. (2010). Melhorar a qualidade da educação de infância através da sua avaliação – O que avaliar e porquê para dar conta da qualidade na educação de infância. *Cadernos de Educação de Infância*, 89: 4-6.

Torres, A. (1999). *A Família*. Atas dos V Cursos Internacionais de Verão de Cascais. Vol 4: 71-94 Cascais. Camara Municipal de Cascais

UNESCO (2007). Informe de seguimiento de EPT 2007. Atención y educación a la primera infancia. Paris: UNESCO

Vasconcelos, T. (2000). *A educação pré-escolar e os cuidados para a infância em Portugal*. Lisboa, Ministério da Educação.

Vilhena, G., Lopes da Silva, M.I. (2002). *Organização da Componente de Apoio à Família*. Lisboa, Ministério da Educação

Wall, K., Cunha, V., Atalaia, S. (2013). Família. In Cardoso, J.L., Magalhães, P., Pais, J.M. (Eds) *Portugal de A a Z – temas em aberto: 70-78*. Paço de Arcos Imprensa Publishing-Expresso

Young, M.E. (comp.) (2002). *From Early Child Development to human Development: Investing in our Children's Future*. Washington, DC.: World Bank

Young, M.E. (2010). *Do Desenvolvimento da Primeira Infância ao Desenvolvimento Humano – Investido no futuro das nossas crianças: 25-133*. São Paulo. Brasil. Ex-Libris Comunicação Integrada